

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 7

Julho de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL  
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

## Estudo comparativo dos poderes navais inglês e alemão

### I

#### O poder naval inglês

A supremacia marítima inglesa, sendo ainda hoje incontestável, já não tem a "grandeza relativa" de outrora. Demonstrou-o uma autoridade insuspeita, que é o almirante lord Beresford no seu livro "The Betrayal", ampliando ainda a demonstração da tese em artigo posterior, publicado no *Daily Mail*.

Fazendo uma comparação entre o estado actual da marinha de guerra<sup>1</sup> e a situação naval, que existia ha dez anos, aquele distinto official asseverou, que o imperio britânico era então defendido em todos os mares do mundo por esquadras, que neles exerciam completo predomínio naval. As treze bases navais, então existentes, estavam devidamente guarnecidas com tropas suficientes para a respectiva defesa; as suas obras de fortificação bem conservadas; os paioes amplamente providos de munições, viveres e combustiveis. Os roteiros habituais da frota mercante eram regularmente patrulhados por uns sessenta cruzadores. Havia nas bases navais diques para atender a todas as necessidades da marinha. E, embora se lu-

<sup>1</sup> Refere-se o presente trabalho ao estado dos dois poderes navais inglês e alemão no momento em que foi declarada a guerra actual, visto não serem precisamente conhecidas as ampliações e modificações sofridas desde aquella epoca, as quais não devem ter produzido, comtudo, alteração sensível na situação relativa dos mesmos poderes, que não esteja prevista na sequencia do presente estudo.

tasse com certa escassez de marinheiros, teria sido facil obter o pessoal necessario, no caso de uma crise.

Nessa epoca, o objectivo estrategico do poder naval britanico era as marinhas da França e da Russia. No Mediterraneo estavam em serviço catorze couraçados, que tinham por base principal Malta, defendida tambem por uma forte guarnição. Gibraltar conservava-se igualmente preparada para qualquer eventualidade. Por essa forma o caminho maritimo para o Egipto, o canal de Suez e as comunicações com a India e China estavam perfeitamente assegurados.

No dizer do referido almirante, as divisões navais, que outrora protegiam os interesses britannicos nos varios mares do mundo, ou haviam sido suprimidas ou reduzidas, com o fim de concentrar na metropole toda a força naval.

Das treze bases navais, que a Inglaterra possuía ainda no começo do presente seculo, seis haviam sido desmanteladas. E nas sete restantes as condições eram desfavoraveis. As suas guarnições foram consideravelmente reduzidas; o armamento estava mal conservado e os paioes achavam-se desprovidos de recursos para suprir a esquadra, que tivesse de arribar a uma dessas bases. Em vez dos sessenta cruzadores, que ha dez anos patrulhavam os mares, desfraldando o pavilhão inglês nos portos de todos os países, havia apenas vinte unidades de guerra esparsas por todo o globo e destinadas a defender os interesses da Grã Bretanha e os dos seus subditos. Os outros cruzadores tinham sido retirados do serviço e vendidos como sucata, sem que o almirantado houvesse tratado de os substituir por outros.

O aumento constante de tonelagem dos couraçados fizera com que os diques, que existiam nas bases navais, se houvessem tornado insuficientes para conter os novos vasos de guerra. Por outro lado, a insuficiencia de pessoal atingira tais proporções, que o almirantado não só tivera de reconhecer a impossibilidade de dar a todos os marinheiros as ferias a que eles tinham direito, mas obrigava-os a transitar incessantemente de uns para outros navios, onde se tornasse preciso aumentar a lotação. No momento em que o almirante Beresford escrevia, o quadro do pessoal naval contava vagas, que representavam a deficiencia total de mais de vinte mil homens.

Então, com respeito ao Mediterraneo, a situação era pes-

sima. A Inglaterra conservava naquele mar apenas quatro couraçados de segunda classe estacionados, não em Malta, que é a posição estratégica central, mas em Gibraltar. Em Malta apenas se mantinham quatro cruzadores, e a guarnição desta praça contava com três batalhões de infantaria a menos. Gibraltar estava também em más condições, pois tinha falta de artilharia, sendo insuficientes as tropas de infantaria. No Egito, que é a chave da outra entrada no Mediterraneo, as tropas eram por tal modo deficientes, tanto em infantaria como em artilharia, que a situação militar se tornaria ali perigosa, ainda quando o poder naval inglês no Mediterraneo não houvesse ficado reduzido á situação descrita.

Por exaggerada que se considere a situação, assim descrita por lord Beresford, devido á hostilidade que mantinha contra o almirantado, desde que foi exonerado do comando da esquadra do Mediterraneo, o facto é que outras considerações e testemunhos confirmam haver nela muito de verdadeiro.

Efectivamente, a organização do poder naval da Grã-Bretanha obedeceu, durante largos anos, ao preceito de se manter superior de 10 por 100 ao das esquadras reunidas das duas maiores potencias marítimas existentes, principio este conhecido pela denominação do *two Powers Standard* ou do Duplo Pavilhão. Ora os factos e as declarações do governo demonstram, que a Inglaterra deixou de sustentar esse regime com respeito ás suas actuais esquadras de combate. Tendo um membro do parlamento interpelado, ha pouco mais de dois anos, o governo a tal respeito, submeteu-lhe a seguinte pergunta:

«Quantos navios dos tipos *Dreadnought* e *Invencible* (ou de valor combatente igual) devem estar acabados no dia 1.º de abril de 1912, tanto na Grã-Bretanha, como na Alemanha e Estados Unidos, admitindo que ambas estas nações hajam referido a esta data os seus programas de 1910, e quantos navios possuem igualmente essas potencias do tipo *Pré-Dreadnought*, todos com menos de dez, doze e quinze anos, desde a sua colocação nos estaleiros?»

Em nome do governo, M. Mac-Kenna mandou para a mesa da respectiva camara, como resposta a tal pergunta, a seguinte singela nota:

Tipo dos navios	Inglaterra	Alemanha	Estados Unidos	Totais relativos à Alemanha e Estados Unidos
<i>Dreadnought</i> e <i>Invencible</i>	16	13	8	21
<i>Pré-Dreadnought</i> com- enos:				
De 10 anos . . . .	9	8	18	26
De 12 anos . . . .	14	12	13	25
De 15 anos . . . .	26	18	16	34

É este quadro demonstrava que o principio organico naval do *two Powers Standard*, que constituia o orgulho inglês e lhe assegurava a supremacia maritima contra todas as eventualidades internacionais, deixara de ser respeitado, porquanto o respectivo poder naval se mostrava sensivelmente inferior ao representado pelas esquadras reunidas alemã e americana. E, ao mesmo tempo, o dito quadro revelava que a inferioridade numerica da Alemanha ía sucessivamente diminuindo, a ponto do respectivo poder naval impôr na ocasião mais receios, do que anteriormente suscitava o das duas maiores potencias maritimas rivais da Inglaterra.

Para tranquilizar a opinião, o governo, pela voz do primeiro lord do almirantado, M. Winston Churchill, procurou demonstrar, na sessão de 18 de março de 1912, que a Alemanha estava longe da conquista da hegemonia militar e naval, não deixando de reconhecer, comtudo, que a situação da Inglaterra era delicada em face daquele adversario, em razão da procedencia estrangeira dos produtos necessarios á alimentação do país e da fraqueza dos seus recursos propriamente militares. — «O nosso exercito é fraquissimo, somos a unica potencia europeia, disse aquele ministro, que não dispõe de um exercito poderoso... Não podemos pensar em invadir qualquer estado continental. Independentemente do lado moral da questão, que utilidade teria um ataque por surprêsa contra a Alemanha? Não teriamos meio algum, ainda que tal ofensiva fosse viavel, de proseguir na acção encetada, de obter a decisão rapida da guerra. Portanto, estamos reduzidos á defensiva — ».

Não agradou tal doutrina aos profissionais, que conhecem os principios da guerra naval moderna, visto a ofen-

siva estratégica representar uma das condições da vitória. No entanto, procurando atenuar logo esse desagradável efeito, o governo asseverou, que o almirantado reputava indispensável, mais do que nunca, não só a grandeza, mas ainda a própria existência da Inglaterra, assegurar o domínio do mar, por modo a tornar as esquadras britânicas sempre superiores às alemãs. O princípio do *two Powers Standard*, que regêra enquanto a provável coalisão diplomática, adversa à Grã-Bretanha, era a da França e Rússia, deixara de ter razão, desde que fôra aprovado na Alemanha o sextanato de 1888, logo engrandecido pelas leis navais de 1900, 1906 e 1908. — «Daqui em diante, exclamou Mr. Churchill, não temos já de procurar o maior perigo eventual, que nos ameça, na aliança ou coalisão de duas potências navais de força aproximadamente igual; desde há tempos que a nossa atenção recai preferentemente sobre a constituição duma poderosíssima marinha, muito homogênea, servida pelo povo do universo melhor dotado sob o ponto de vista orgânico, obedecendo a um governo único, e concentrada a pequena distância das nossas costas. O princípio do Duplo Pavilhão já não é aplicável à Europa. A julgar pelos factos presentes, a marinha que se nos torna necessária para a defesa contra a coalisão mais provável, escusa de ser mais poderosa do que aquela de que agora temos necessidade para arcar contra o poder naval mais forte depois do nosso —».

Tal a razão, aditou o ministro, pela qual o almirantado tinha seguido, nos últimos anos, o princípio de assegurar uma superioridade de 60 % em *dreadnoughts*, ou seja uma proporção de 16 para 10, sobre o poder naval alemão, sendo esta proporção ainda mais forte relativamente aos navios de categoria inferior. A relação das construções navais de dois países rivais, em tempo de paz, só se faria por meio de percentagens. Em tempo de guerra a força das marinhas em luta não seria medida pela comparação, mas pela subtração. Para a potência naval mais forte havia toda a vantagem em pagar com o sacrifício de uma unidade a eliminação de outro navio inimigo; era este o caminho da vitória, porquanto tais eliminações sucessivas davam maior valor aos navios antigos. Quando os azes saíam, os reis eram as melhores cartas. A Inglaterra possuía, actualmente, maior número de *dreadnoughts*

de que qualquer outra nação do mundo, mas, se todos os *dreadnoughts* das demais potências se afundassem naquele momento, a superioridade inglesa ainda seria maior. Era para uma tal hipótese que estavam cuidadosamente postos de reserva os velhos navios, estudando-se o modo de os poder armar no sexto, nono ou duodecimo mez de cada ano.

E' claro que o ministro, pronunciando tais palavras, não previu a eventualidade das esquadras alemães poderem reproduzir os factos ocorridos em S. Tiago de Cuba e em Tsoushima, onde as esquadras americana e japonesa destruíram as adversas, ficando ainda em condições de baterem outras forças supervenientes, que lhes oferecessem novo combate.

No entanto, um auctorizado jornal tecnico, o *Scientific American*, corroborou a opinião daquele primeiro Lord do Almirantado dizendo que — «o primeiro choque entre *dreadnoughts* seria por tal modo destruidor, que vencedor e vencido ficariam com as suas primeiras linhas de batalha terrivelmente damnificadas, parecendo-lhe que o contendor que dispuzesse nesse momento da mais forte segunda linha de couraçados de esquadra, de tipo inferior aos *dreadnoughts*, teria todas as probabilidades de obter a victoria definitiva» —. Ora, considerado sob tal ponto de vista, o resultado de uma campanha naval entre a Alemanha e a Inglaterra não podia ser efetivamente duvidoso, ainda que o primeiro choque não fosse favoravel a esta ultima potencia, em vista dos recursos constantes dos seus navios de reserva e da tenacidade do character inglês, definida pelo conhecido proverbio, que diz ser — «a paciencia dos ingleses tão longa como um dia de verão e o seu braço tão extenso como uma noute de inverno».

Mr. Churchill sustentou, ainda no discurso referido, ser verdadeiro desperdicio construir um só navio que fosse, sem que a sua necessidade se reconhecesse indispensavel. A razão era por ser conveniente que esse navio se ostentasse o mais tempo possivel como o representante dos progressos da sciencia naval, e os factos mostrarem que, ao principiari a construção de um modelo estudado, tres anos da sua breve existencia terem decorrido, e, ao ser lançado á agua, estarem em projecto unidades capazes de o destruir. Cada nova unidade, que a Alemanha construia, acelerava assim a declinação dos pré-

*dreadnoughts* ingleses, tornando indispensavel a adopção de medidas especiais.

Aplicando o estalão da superioridade de 60 % em relação á lei naval alemã vigente, tornava-se indispensavel á Inglaterra, no parecer do almirantado, construir anual e alternadamente, durante o primeiro sexenio, quatro navios, e tres navios a começar por quatro. Por este modo a proporção manter-se-hia de 16 para 10.

Se, porém, as construções navais alemães, durante esses seis anos, fossem acrescidas de dois navios, além dos que aquela lei prescreve, a Inglaterra colocaria no estaleiro quatro navios mais no referido periodo. Se o augmento fosse de tres, as construções adicionais inglesas seriam seis. Se a Alemanha, por exemplo, construísse anual e sucessivamente 3, 2, 3, 2, 3, 2 unidades, a Inglaterra corresponderia ao movimento lançando nos estaleiros 5, 4, 5, 4, 5, 4 unidades. O antigo principio do *two power standard* ficou assim substituído pelo do *two keels to one* (dois no estaleiro por cada um alemão) como base da constituição do poder naval inglês, devendo ainda notar-se o escrúpulo com que se recomendou fossem sempre as novas unidades mais poderosas do que as do adversario, e mais rapidamente construídas.

Expondo este plano o ministro afirmou, que os alemães nada teriam a ganhar com o acrescentamento do seu poder naval, e nada teriam a perder diminuindo as suas construções. O plano era simples, não exigindo negociações diplomaticas, nem restrições de soberania, para diminuir a febre dos armamentos existentes.

Ao assegurar, por este modo, a consolidação do poder naval da nação, não eram interesses comerciais os que inspiravam o governo, mas outros mais nobres, que eram os da independencia da nação, visto tratar-se para ela de uma questão de vida. De harmonia com as declarações do governo, e para a Inglaterra estar apta a todo o momento para repelir qualquer aggressão estranha, foi resolvido pelo almirantado consagrar tres armadas á defesa das costas metropolitanas, com a constituição seguidamente descripta <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Devemos notar novamente ao leitor que a constituição das esquadras seguidamente mencionadas deve ter sofrido alterações sensiveis, desde o começo

### 1.ª armada

A primeira armada, com efectivos completos e sempre em aguas metropolitanas, compreendia: a 1.ª e 2.ª divisões da *home fleet*, denominadas 1.ª e 2.ª esquadras de combate; a esquadra do Atlantico (3.ª esquadra de combate) e a antiga esquadra do Mediterraneo (4.ª esquadra de combate), tendo abandonado esta a base naval de Malta para substituir em Gibraltar a esquadra do Atlantico, que passou para as aguas metropolitanas. A primeira armada formava assim um total de 33 couraçados e respectivos cruzadores, prontos sempre para resistir a qualquer agressão, em vez dos 22 com que se contava até ali para o dito efeito. A sua primeira esquadra de combate era formada pelos couraçados *Neptune* (1909), *St. Vicent* (1908), *Collingwood* (1909), *Vanguard* (1909), *Bellerophon* (1907), *Temeraire* (1907), *Superb* (1907), *Dreadnought* (1906). O *Neptune*, navio almirante, desloca 20.200 toneladas e dispõe de dez canhões de 30<sup>cm</sup>, 5 e de vinte de 10<sup>cm</sup>. Tanto o *St. Vicent*, como o *Collingwood* e *Vanguard* deslocam 19.250 toneladas e dispõem de artilhamento identico áquele. O *Bellerophon*, o *Temeraire* e o *Superb* deslocam, cada um, 18.600 toneladas e são armados com dez canhões de 30<sup>cm</sup>, 5 e dezesseis de 10<sup>cm</sup>. Por ultimo, o *Dreadnought*, que serviu de modelo a todos os mais navios de combate modernos, desloca 17.900 toneladas e tem como artilhamento dez canhões de 30<sup>cm</sup>, 5 e vinte e sete de 7<sup>cm</sup>, 6, mas este couraçado seria substituido pelo *Ajax*, em termino de construção e do mesmo tipo do *King George V*, da 2.ª esquadra. A velocidade maxima de todos os navios desta esquadra, orça por 21 milhas.

A segunda esquadra de combate compunha-se dos couraçados *Orion* (1910), *King George V* (1910), *Centurion* (1910), *Monarch* (1910), *Thunderer* (1910), *Conqueror* (1910) e *Colossus' Hercules* (1910). Deslocam os seis primeiros 23:500 toneladas e são artilhados com dez canhões de 34<sup>cm</sup>, 3 e vinte de 10<sup>cm</sup>. Os dois ultimos deslocam 20:600 toneladas e são armados com dez canhões de 30<sup>cm</sup>, 5 e vinte de 10<sup>cm</sup>. A velocidade maxima dos navios desta esquadra regula por 21 milhas.

---

da guerra, mas o contexto geral descripto põe bem em relevo a grandesa do poder naval inglês.



A terceira esquadra de combate era constituída pelos couraçados, construídos de 1902 a 1906, denominados: *King Edward VII*, *Commonwealth*, *Dominion*, *Hindustan*, *Zealandia*, *Africa*, *Britannia* e *Hibernia*, todos com o deslocamento de 16:350 toneladas e artilhados com quatro canhões de 30<sup>cm</sup>,5, quatro de 23<sup>cm</sup>,4, dez de 15<sup>cm</sup>,2 e 26 de calibre inferior a este. A velocidade máxima dos navios desta esquadra é de 19 milhas.

A quarta esquadra compunha-se dos couraçados *Cornwallis*, *Duncan*, *Exmouth*, *Russell*, *Albemarle*, construídos em 1900, *Agamemnon* e *Lord Nelson*, construídos em 1906-1907, devendo ainda ser reforçada com o *Dreadnought* (1906), logo que este fosse substituído na primeira esquadra. Os cinco primeiros deslocam 14:000 toneladas, cada um, e dispõem como artilhamento de quatro canhões de 30<sup>cm</sup>,5, doze de 15<sup>cm</sup>,2 e dezoito de calibre inferior. A velocidade máxima dos navios referidos é de 19 milhas.

Do que fica exposto conclue-se que a primeira armada era formada por quatro esquadras de combate, todas compostas, além dos cruzadôres e mais anexos, por oito couraçados, e mais um destinado ao almirante em chefe, o qual seria provavelmente o *Audacious*, em construção, do mesmo tipo do *Ajax*.

## 2.<sup>a</sup> armada

Foi formada pela 3.<sup>a</sup> divisão da *home fleet* (5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> esquadras de combate) e devia ter desembarcadas metade das guarnições. Cada esquadra dispunha, igualmente, de 8 couraçados e respectivos anexos de cruzadores, o que permitiria elevar os navios presentes em águas inglesas a 49 couraçados.

A sua 1.<sup>a</sup> esquadra de combate era composta pelos couraçados *Formidable*, *Implacable*, *Irresistible*, *London*, *Venerable*, *Bulwark*, *Prince of Wales* e *Queen*, construídos em 1902, todos de 15:000 toneladas e armados com quatro canhões de 30<sup>cm</sup>,5, doze de 15<sup>cm</sup>,2 e mais vinte e dois de calibre inferior. A velocidade média desta esquadra é de 18 milhas.

A segunda esquadra estava em via de formação, que só terminaria em 1914, e a ela eram destinados não só os couraçados *Iron Duke*, *Delhi*, *Benbow* e *Malborough*, cuja construção estava a terminar, mas outros quatro já lançados nos estaleiros.

### 3.<sup>a</sup> armada

Foi formada pela quarta divisão da *home fleet* (7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> esquadras de combate), compreendendo igualmente duas esquadras de combate, de 8 couraçados e competentes anexos de cruzadores, podendo por tal modo ser elevado a 65 o numero de couraçados em aguas inglêsas. A sua primeira esquadra, com equipagens reduzidas, ficou formada pelos mais antigos couraçados (1895-1897) ainda em serviço: *Magnificent*, *Jupiter*, *Mars*, *Majestic*, *Hannibal*, *Cæsar*, *Prince George* e *Illustrious*, todos com o deslocamento de 19:400 toneladas e armados com quatro canhões de 30<sup>cm</sup>,5, doze de 15<sup>cm</sup>,2 e vinte e oito de 7<sup>cm</sup>,6 e 4<sup>cm</sup>,7. A velocidade desta esquadra é de 17,5 milhas, o maximo. A segunda esquadra formava como que uma simples reserva, e era constituída pelos couraçados *Canopus*, *Glory*, *Albion*, *Vengeance*, *Goliath*, *Ocean*, construidos em 1898-1899, de 12:950 toneladas e *Triumph* e *Swistsure*, ambos de 1903, e de 11:800 toneladas. Os primeiros seis são armados com quatro canhões de 30<sup>cm</sup>,5, doze de 15<sup>cm</sup> e dezeseis de 7<sup>cm</sup>,6 e 4<sup>cm</sup>,7. Os dois ultimos são artilhados com quatro canhões de 25<sup>cm</sup>,4, quatorze de 19<sup>cm</sup> e dezoito de 7<sup>cm</sup>,6 e 4<sup>cm</sup>,7. A velocidade do primeiro grupo de navios é, no maximo, de 18 milhas; a dos dois ultimos de 20 milhas.

A cada uma das oito esquadras, que ficam indicadas, correspondia uma divisão de quatro cruzadores couraçados ou couraçados rapidos, entre os quais figuram poderosos navios, uns já construidos e em serviço, outros em construção ou projectados para terem começo breve. A' terceira armada é que correspondiam cruzadores simplesmente protegidos.

O grande cruzador *Tiger*, então em construção, atinge o deslocamento de 30:000 toneladas e 31 nós de velocidade, sendo esta ainda excedida pelos navios da mesma classe *Lion* e *Princess Royal*, cuja velocidade sobe a 32 e 33 nós. Todos estes navios são armados de oito canhões de 34 centímetros.

Contava ainda o poder naval britanico com sete flotilhas de torpedeiros, estando em construção a oitava, que devia ficar completa muito em breve.

Apenas durante o ano de 1912, a Inglaterra lançou á agua não menos de 27 navios de guerra, dos quais 5 couraçados de 22:500 a 23:000 toneladas e 2 cruzadores-couraçados de 26:350

ser construídos em Pembroke, um em Chatam e os outros seriam objecto de contracto.

Em 1 de abril de 1913, passado já um ano da data a que se referem os quadros de pag. 417, os navios em construção eram, ao todo: 11 couraçados, 3 cruzadores-couraçados, 13 cruzadores ligeiros, 13 torpedeiros e 21 submarinos.

No *memorandum*, apresentado por M. Winston Churchill e destinado a justificar o orçamento naval, cujo extracto fica indicado, declarava-se, que se até ao fim do ano os estaleiros navais ingleses declarassem poder satisfazer um suplemento de encomendas, estas se tornariam efectivas, mas, neste caso, seriam pedidos ao parlamento novos créditos, na importancia de quatro milhões de libras esterlinas.

\*

\* \*

A exposição, que fica transcrita, demonstra exuberantemente qual era, apenas ha três anos, a grandesa do poder naval inglês, que a batalha de Skager-Rak não teria o poder de abalar, ainda quando fosse mais do que uma acção naval violenta, com efeitos materiais e pessoais notavelmente aniquiladores. A assombrosa actividade dos arsenais <sup>1</sup> e a ado-

---

<sup>1</sup> Alguns jornalistas britannicos, que visitaram recentemente, por convite do Ministerio da Marinha, os arsenais da Grã-Bretanha, publicaram no *Graphic*, na *Westminster Gazette* e em outros jornais as suas impressões, as quais confirmam inteiramente a asserção a que se refere a presente nota. Asseveram eles, que fica agora terminado em 12 mezes um navio cuja construção levava outrora ano e meio. Ha um arsenal que entrega um contra-torpedeiro cada 7 semanas; outro termina, em identico prazo, um cruzador, um submarino e dois contra-torpedeiros. E nem por tal facto é demorada a construção de vapores mercantes, sendo muito recomendado aos constructores, que atendam simultaneamente áqueles e a estes trabalhos. Não obstante, a proporção dessa construção é de 9 navios de guerra para 1 mercante. Os arsenais do Tyne e do Clyde, especialmente, produzem quanto as exigencias do poder naval tambem lhes reclama em hidroplanos, barcos de vigilancia, navios cisternas para petroleo, cruzadores ligeiros e de combate, couraçados, canhões, projectis, torpedos, tubos lança torpedos e submarinos, aqueles e estes dos mais recentes e aperfeiçoados modelos.

das atenções, havia provocado, contudo, grande discussão nos centros técnicos, divergindo profundamente as opiniões sobre a sua eficiência como máquina de guerra.

Não podia estar, portanto, em véspera de desmoronamento um poder naval, que assim conseguia ostentar a sua magestade. Prever a decadência de tamanha grandeza era dever, porém, de espíritos reflectidos, especialmente no momento histórico que se atravessava, no qual a simples superioridade material não bastava para assegurar a sorte da guerra, porque nas lutas marítimas, como nas terrestres, são ainda as forças morais, repetimos, tais como o inquebrantável espírito de ofensiva, disciplina e sacrifício, o acrisolado sentimento do dever, e, sobretudo, os dotes superiores do comando as que grande número de vezes predominam sobre as materiais.

Este modo de apreciar as eventualidades, que acontecimentos futuros ainda podem fazer vingar, não alteravam em coisa alguma a serenidade com que encarava e a confiança que o governo inglês mantinha no respectivo poder naval. Ainda na sessão da Câmara dos Comuns de 31 de março de 1913, voltou a repetir o Primeiro Lord do Almirantado, M. Winston Churchill que a Grã-Bretanha, sem contar com o auxílio naval das colônias, disporia, até 1915, de uma superioridade de 60 por 100 sobre a da marinha mais forte, depois da própria, podendo um sexto desta força ser distraído das águas metropolitanas para ser empregada em quaisquer outros pontos do Império. Depois de 1915, haveria que contar com a esquadra colonial, que compreenderia: três cruzadores couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, do tipo *Indefatigable*, com 18.500 toneladas de deslocamento e armado com 8 canhões de 305 mil e 16 de 101 mil; quinze estafetas, dos tipos *Falmouth* e *Bristol*, com o deslocamento de 5.500 a 4.887 toneladas, armados com 8 canhões de 152 mil, quatro de 76 mil e quatro de 47 mil; trinta e quatro *destroyers* do tipo River e dezoito submarinos, na totalidade de setenta unidades. A Austrália e a Nova Islandia concorreriam para essa esquadra, cada uma, com um cruzador couraçado, três estafetas, seis *destroyers* e três submarinos.

O Canadá tinha prontos ou em via de construção um cruzador-couraçado, cinco estafetas, e seis *destroyers*. Se qualquer das colônias, por qualquer circunstância, deixasse de construir os navios a que se comprometera, declarou o primeiro lord do

bem como a protecção das respectivas costas, ficaram especialmente a cargo das armadas inglesas, concentrando reciprocamente a França o seu poder naval no Mediterraneo, seguindo o plano do almirante Boné de Lepeyrère, para ali assegurar os interesses anglo-franceses por meio da superioridade marítima sobre as esquadras reunidas da Italia e da Austria<sup>1</sup>.

A *Entente cordiale* com a Russia, completada pela convenção naval franco-russa negociada em Paris, em 1912, pelo almirante russo Principe de Lieven, e confirmada por M. Poincaré, então Presidente do Conselho de Ministros, na sua visita ao Czar, robusteceu igualmente por modo indirecto a Inglaterra no mar do Norte, obrigando as esquadras alemãs a derivar a sua atenção para o mar Baltico, onde a frota russa tem, em Revel, uma das suas bases, estando a outra no mar Negro.

A esquadra russa no Baltico não era, porém, bastante para poder defrontar-se ali com o poder naval alemão. Ao tempo, era formada apenas por 9 couraçados, dos quais 2 *dreadnoughts* (*Imperator-Pavel* e *Andrei Pervosvanni*), de 17.400 toneladas, lançados á agua em 1907; 4 *super-dreadnoughts* (*Gaugut*, *Petropavlosk*, *Poltewa* e *Sevastopol*), de 23.370 toneladas, construídos em 1909; 4 cruzadores-couraçados (*Rurik*, *Rossia*, *Gromoboï* e *Makarof*), o primeiro de 15.000 toneladas, os dois imediatos de 12.200 e o ultimo de 7.800, construídos o primeiro e ultimo em 1906 e os dois intermedios em 1896 e 1898; 2 cruzadores, e as flotilhas compostas de canhoneiras, canhoneiras-torpedeiros e *destroyers*, dos quais 62 estavam no Baltico e 18 na Siberia. Nos cinco exercicios, a principiar em 1913, deveriam ser construídos mais 4 *super-dreadnoughts*, de 30.000 toneladas, 4 cruzadores, 18 torpedeiros de esquadra e 12 submarinos, para os quais a Duma votou 430 milhões de rublos. Em compensação, esse parlamento recusou o credito de 70 milhões, que o governo solicitára para colocar o principal ponto de apoio da esquadra, que é Revel, á altura das exigencias da guerra moderna<sup>2</sup>. Como é natural, ignorava-se a

<sup>1</sup> Na ocasião ainda a Italia fazia parte da Triplice aliança.

<sup>2</sup> A recusa desse credito teve como consequencia as tentativas que a esquadra alemã tem empregado na presente guerra para se assenhorear de Revel.

missão a desempenhar pelo poder naval russo no Báltico, por virtude da aludida convenção naval, mas o que se poderia deduzir, sem perigo de errar, é que, como ficou dito, essa missão robusteceria por modo indirecto o poder naval inglês no mar do Norte, obrigando os alemães, quando menos, a aplicar uma parte das suas frotas na observação da armada russa.

Não ha duvida de que, sob o ponto de vista do poder material marítimo, a Inglaterra, segundo o plano exposto, continuava a ocupar o primeiro lugar mundial, apesar do pessimismo de lord Beresford. Não deve obscurecer-se, comtudo, que parte das preocupações do illustre almirante mereciam a devida consideração.

A sorte da guerra sempre foi tanto uma questão de psicologia como de estratégia. Os factos contemporaneos demonstram, que ainda não deixou de ter a maior oportunidade a asserção de Napoleão, quando disse, que — «na guerra tudo era moral, e a moral e a opinião constituíam mais de metade da realidade — ».

Ora, os proprios ingleses prestam homenagem ás qualidades do comando, á unidade da doutrina, á homogeneidade dos navios, á firmeza da disciplina e, sobretudo, ao valor militar de que dispõem as esquadras alemãs. E na guerra pouco importam as perdas. O triunfo é sempre do contendor que melhor as sabe suportar. Diz a tal respeito um eminente psicologo: — «Abaixai o character dos soldados e tereis as coortes de Xerxes; elevai-lhes o character e tereis os guerreiros de Leonidas — ». Efectivamente, o valor dos exercitos, como o das armadas, não se mede sómente pelo numero dos combatentes, mas mais seguramente pelo nivel do seu character.

Ora, sob este ponto de vista, dizia-se que o poder naval inglês era inferior ao germano. O proprio primeiro Lord do Almirantado inglês não duvidou sob esse ponto de vista prestar homenagem a este rival. Emquanto que as tripulações alemãs são homogeneas, obtidas pelo recrutamento pessoal e obrigatorio, batendo assim em todos os corações o mesmo sentimento patriótico, que o Chefe do Estado sabe incontestavelmente alimentar com a maior mestria, graças á sua incessante frequencia a bordo dos navios e á sua palavra inflamada, as esquadras inglesas dispõem de guarnições mercenarias heterogeneas, porque o principio da voluntariedade do serviço

militar e as consequentes dificuldades do recrutamento têm até obrigado á admissão de uma forte proporção de estrangeiros a bordo dos respectivos navios. E este grave inconveniente subia tanto de importancia com o aumento incessante do numero de navios, que não faltava quem dissesse, como o almirante lord Beresford, e apesar das contestações do governo, que esse desenvolvimento soffreria grave crise por virtude de carencia do pessoal necessario ás respectivas guarnições, a menos que estas não viessem a ser formadas ainda por uma mais forte proporção de estrangeiros, ou se adoptasse o serviço pessoal e obrigatorio, a que o povo votava decidida animadversão. A dificuldade na constituição do quadro dos officiais não era tambem menor do que a existente para a constituição dos demais elementos, que compunham as guarnições dos navios, tendo-se visto obrigado o Almirantado a simplificar as exigencias para o recrutamento dos cadetes, que passaram a ser as seguintes: 18 anos completos, robustez fisica, admissão em um exame de: lingua e historia inglesas, francês, alemão ou latim, geografia, matematica e mecanica elementares. Os candidatos admitidos seguiriam, em Kehyman, durante um ano, um curso de aperfeiçoamento, seguido de um cruzeiro de outro ano a bordo de um navio-escola. Após esses dois anos seriam promovidos a *midshipmen*. Mas, como este processo de recrutamento não fosse ainda sufficiente para obter o numero necessario de officiais, decidiu ainda o almirantado, que um certo numero de officiais da Royal Naval, com menos de 32 anos de idade, podessem entrar no quadro activo naval, após um tirocinio de um ano, no fim do qual seriam promovidos, não podendo ultrapassar, comtudo, o posto de capitão de fragata senão quando reunam condições excepcionais.

Sucede o inverso na Alemanha, onde o aumento incessante de tripulação, incitada pela tenaz propaganda da Liga Naval, ministram ás esquadras um numero, por assim dizer, inesgotavel de marinheiros, como o Imperador Guilherme orgulhosamente registou por ocasião de uma recente abertura do Reichstag, não perdendo, assim, mais essa ocasião de lisongear o espirito militar nacional. No proprio quadro dos officiais se não tinham manifestado oscilações, que houvesse obrigado a recorrer a providencias extraordinarias, o que é natural em uma nação em que o amôr pela profissão das armas tem culto devotado.

Não obstante estas sombras escuras, e embora se não possa contestar que o poder naval inglês tem decaído do seu antigo esplendôr relativo, nada fazia presupôr que corresse perigos de desmoronamento. Seria insensato afirma-lo, ao vêr que dispunha ainda de forças tais, que os mais figadais e poderosos inimigos erão obrigados a reconhecer a sua supremacia. Melhor do que por divagações esta se revela, porem, pela inflexibilidade dos numeros, contidos no ultimo relatório anual sobre as esquadras das grandes potencias maritimas: Alemanha, Austria, Estados Unidos, França, Inglaterra, Italia, Japão e Russia, que o Almirantado inglês publicou.

Os quadros anexos ao dito relatório referem-se apenas aos couraçados e cruzadores-couraçados com menos de vinte anos, a contar da data do lançamento á agua, até 31 de março de 1912, e indicam as datas desse lançamento e da entrega para o serviço, o deslocamento, a força das maquinas e o respectivo armamento. A *Revista Maritima Brasileira* formulou sobre tais dados os dois seguintes quadros resumidos, que são interessantes pela evidencia flagrante em que colocam a supremacia maritima inglesa.

### Navios de guerra construidos ou em construção

Tipos	Construidos							
	Alemanha	Austria	Est. Unidos	França	Inglaterra	Italia	Japão	Russia
Couraçados .....	33	12	31	22	55	8	16	9
Guarda-costas .....	—	—	9	6	—	—	—	1
Cruzadores de combate .....	2	—	—	—	4	—	—	—
Cruzadores-couraçados .....	9	3	14	21	34	10	13	6
Cruzadores protegidos de 1. <sup>a</sup> classe .....	—	—	3	5	18	—	2	7
» » 2. <sup>a</sup> classe .....	26	3	15	4	38	2	12	1
» » 3. <sup>a</sup> classe .....	11	3	—	6	16	11	5	2
» não protegidos .....	6	3	3	—	5	—	4	—
<i>Scouts</i> .....	—	—	3	—	8	—	—	—
Navios mineiros .....	—	11	2	2	26	5	3	3
Contra-torpedeiros .....	109	12	40	68	179	22	57	95
Torpedeiros .....	80	60	25	161	109	84	57	29
Submarinos .....	13	6	20	58	65	9	12	29
	289	113	165	353	557	151	181	182



Tipos	Alemanha	Austria	Est. Unidos	França	Inglaterra	Italia	Japão	Russia
<b>Em construção</b>								
Couraçados .....	10	4	6	7	10	6	2	7
Cruzadores de combate.....	4	—	—	—	6	—	4	—
Cruzadores protegidos de 1. <sup>a</sup> classe .....	8	3	—	—	9	—	2	—
» não protegidos .....	—	—	—	—	2	—	—	—
<i>Scouts</i> .....	—	—	—	—	—	3	—	—
Navios mineiros .....	—	—	—	—	4	—	—	—
Contra-torpedeiros .....	24	6	14	16	30	10	2	10
Torpedeiros .....	—	—	—	—	—	15	—	—
Submarinos .....	13	1	19	25	14	10	3	7
	59	14	39	48	75	54	13	24

A parada, realizada em Spithead, no dia 9 de julho de 1912, constituiu igualmente uma demonstração política do gráo de eficiencia do poder naval inglês, destinada a actuar sobre o animo das nações rivaes e, ao mesmo tempo, a chamar a atenção do parlamento para a impreterível necessidade de desenvolver, ainda mais, essa esplendida organização de combate. Por isso, o objectivo da demonstração se intitulou, segundo os proprios termos da ordem do almirantado, «uma visita oficial dos membros das duas casas do parlamento á marinha»

Esse objectivo acresceu de valia por assistirem ao acto os ministros do Canadá, que haviam ocorrido á metropole para discutir com o governo varios assuntos, dos quais o principal era a questão da defesa do Imperio Britanico pela acção combinada dos seus varios Estados confederados, por modo a assegurar a supremacia naval britanica em todos os mares do mundo <sup>1</sup>.

Além de tais significações politicas, a revista de Spithead teve, sob o ponto de vista exclusivamente militar, importancia sem precedente. Não só esteve congregada nas estreitas

<sup>1</sup> A impressão então recebida pelos representantes canadienses muito deve ter contribuido para o fervôr com que aquele Dominio inglês tem auxiliado a metropole na presente guerra.

aguas, que separam a costa inglesa da ilha de Wight, a mais poderosa frota de guerra, que jámais se viu reunida, mas o acto serviu de preambulo ás manobras, que as esquadras componentes realizaram seguidamente no mar do Norte, em que se deviam produzir inovações nas ideias até então mantidas ácerca da guerra marítima.

Comandada por vinte e um almirantes, cujos pavilhões fluctuavam sobre aquela floresta de mastros altivos e orgulhosos, a frota, que foi passada em revista pelos parlamentares ingleses, compunha-se de duzentos e vinte navios, desenvolvidos em quatro linhas principais e outras tantas secundarias, formando um total de cerca de cincoenta quilometros de cordões navais. As colunas principais eram formadas pelas unidades de grande deslocamento, e as secundarias pelo *sdestroyers* e sub-marinos. Esses navios pertenciam ás seguintes classes.

Couaçados . . . . .	41
Cruzadores de combate. . . . .	5
Cruzadores couaçados. . . . .	25
Cruzadores protegidos. . . . .	9
<i>Scouts</i> . . . . .	12
<i>Destroyers</i> . . . . .	106
Sub-marinos. . . . .	5
Navios para lançamento de minas. . . . .	6
Navios para dragagem de minas. . . . .	3
Navios oficinas . . . . .	7
Navio hospital. . . . .	1
Total . . . . .	220

A inspecção meticolosa das diferentes linhas de navios ainda tornava mais evidente o valor militar dessa frota, servindo igualmente para evidenciar a rapida marcha evolutiva do vaso de guerra contemporaneo. Afirmou um observador autorizado, que percorrendo Spithead de oeste para leste, examinando uma após outra as colunas, se compreendia intuitivamente a celeridade vertiginosa com que o aperfeiçoamento incessante da construção naval ía tornando obsoletos navios que, havia poucos anos, tinham saído dos estaleiros impres-

sionando o espirito publico, como se fossem marcos intransponiveis na senda do progresso naval. Navios que haviam sido o orgulho da marinha inglesa, pareciam destinados a representar, durante uma ou duas decadas, papel decisivo no equilibrio naval europeu, lá estavam humilhados diante da força e grandesa dos seus irmãos mais modernos. Sem falar no *Swiftsure* e no *Triumph*, que haviam sido comprados ao Chile, em 1903, e que, depois de figurarem durante anos na lista dos vasos de primeira linha, passaram para um plano secundario, figuravam ainda na revista muitos couraçados de construção mais moderna e de deslocamento e armamento mais consideraveis, que estavam igualmente anulados pela superioridade dos gigantes, saídos dos estaleiros nos ultimos tempos.

De um modo generico, era possivel ainda dividir os couraçados reunidos em Spithead em dois grupos, concretisadores das grandes escolas, que dirigiram o desenvolvimento atingido pela moderna unidade de combate. Os navios construidos, até 1905, sob a inspiração do grande arquiteto naval que foi Sir William White, representavam a frota do passado, encerrando os principios teoricos, que a expertencia da guerra russo-japonêsa destruiu, e foram substituidos pelas ideias com que o almirante Fisher sintetizou de modo pratico as lições daquela memoravel luta. O *King Edward VII* era o mais poderoso e o mais moderno dos productos daquela escola. Em contraposição áqueles navios do passado, a serie iniciada pelo *Dreadnought*, e cujo ultimo numero era o *Thunderer*, saído poucas semanas antes da data da revista dos estaleiros do Tamisa, ostentava garbosamente a pujança da doutrina vencedora.

Nos cruzadores notava-se igualmente a transformação operada nos principios da construção naval. A longa coluna, que começava a oeste pelo *Cressy*, — cruzador que não havia muito tempo era considerado como unidade poderosa —, terminava no extremo oposto pelo *Lion*, que era o mais veloz e formidavel cruzador do mundo, e no qual o poder ofensivo e defensivo do couraçado foi combinado com a velocidade indispensavel aos navios encarregados de patrulharem os mares, e de perseguirem as esquadras batidas, completando assim a obra dos couraçados. Este navio, que fôra o alvo principal

das atenções, havia provocado, contudo, grande discussão nos centros técnicos, divergindo profundamente as opiniões sobre a sua eficiência como máquina de guerra.

Não podia estar, portanto, em véspera de desmoronamento um poder naval, que assim conseguia ostentar a sua magestade. Prever a decadência de tamanha grandeza era dever, porém, de espíritos reflectidos, especialmente no momento histórico que se atravessava, no qual a simples superioridade material não bastava para assegurar a sorte da guerra, porque nas lutas marítimas, como nas terrestres, são ainda as forças morais, repetimos, tais como o inquebrantável espírito de ofensiva, disciplina e sacrifício, o acrisolado sentimento do dever, e, sobretudo, os dotes superiores do comando as que grande número de vezes predominam sobre as materiais.

Este modo de apreciar as eventualidades, que acontecimentos futuros ainda podem fazer vingar, não alteravam em coisa alguma a serenidade com que encarava e a confiança que o governo inglês mantinha no respectivo poder naval. Ainda na sessão da Câmara dos Comuns de 31 de março de 1913, voltou a repetir o Primeiro Lord do Almirantado, M. Winston Churchill que a Grã-Bretanha, sem contar com o auxílio naval das colônias, disporia, até 1915, de uma superioridade de 60 por 100 sobre a da marinha mais forte, depois da própria, podendo um sexto desta força ser distraído das águas metropolitanas para ser empregada em quaisquer outros pontos do Império. Depois de 1915, haveria que contar com a esquadra colonial, que compreenderia: três cruzadores couraçados de 1.<sup>a</sup> classe, do tipo *Indefatigable*, com 18.500 toneladas de deslocamento e armado com 8 canhões de 305 mil e 16 de 101 mil; quinze estafetas, dos tipos *Falmouth* e *Bristol*, com o deslocamento de 5.500 a 4.887 toneladas, armados com 8 canhões de 152 mil, quatro de 76 mil e quatro de 47 mil; trinta e quatro *destroyers* do tipo *River* e dezoito submarinos, na totalidade de setenta unidades. A Austrália e a Nova Islandia concorreriam para essa esquadra, cada uma, com um cruzador couraçado, três estafetas, seis *destroyers* e três submarinos.

O Canadá tinha prontos ou em via de construção um cruzador-couraçado, cinco estafetas, e seis *destroyers*. Se qualquer das colônias, por qualquer circunstância, deixasse de construir os navios a que se comprometera, declarou o primeiro lord do

Almirantado que a Grã Bretanha fabricaria á sua custa outros de idêntica importancia.

Já em ocasião diferente o referido estadista havia explicado nos seguintes termos a missão incumbida ás duas armadas: — «Se nos ultimos dez anos tem regido a preocupação da concentração do poder naval nas aguas metropolitanas, nos dez anos proximos ver-se-ha a aparição de uma armada colonial, destinada a garantir a divisão de trabalho entre a metropole e as suas filhas. Nas aguas metropolitanas manteremos no ponto decisivo a supremacia naval contra qualquer adversario; os *Dominions* guardarão e vigiarão os caminhos maritimos» —. Foi esta uma clara resposta, embora indirecta, ás preocupações alegadas por lord Beresford sobre o perigo derivante de manter sem a devida vigilancia os aludidos caminhos.

De harmonia com as palavras aludidas do Primeiro lord do Almirantado, foi elaborado o orçamento para o ano economico de 1913-1914, apresentado ao parlamento. A totalidade dos creditos pedidos para o respectivo exercicio elevavam-se a 195:502.000 libras esterlinas e repartiam-se pelo modo seguinte; marinha, 46:309.300 libras ou mais 1:233.900 libras esterlinas do que no orçamento anterior; exercito, 28:220.000 libras esterlinas ou mais 366.000 libras esterlinas; serviços civis, libras esterlinas 54:798.318, ou mais 5:128.964 libras esterlinas; alfandegas, correios, telegrafos e telefones, etc., 28:898.720 libras esterlinas, ou mais 836.000 libras esterlinas. O saldo destinava-se ao serviço e amortização da divida publica.

Os principais aumentos do orçamento da marinha referiram-se aos vencimentos dos officiaes e marinheiros, a abastecimentos e a armamentos navais. O orçamento previa o aumento de 8.500 homens no efectivo de officiaes e marinheiros, que ficaria assim elevado a 146.000 homens, em 31 de março de 1914.

O programa naval do referido ano compreendia uma despesa de 13 milhões 276.400 libras esterlinas para a construção de navios. A esquadra seria aumentada com 5 *dreadnoughts*, 8 cruzadores ligeiros, 16 *destroyers* e um certo numero de submarinos. Dois *dreadnoughts* estavam sendo construidos: um em Portsmouth, outro em Devonport; a construção dos outros três seria por contracto. Dos 8 cruzadores ligeiros, dois deviam

ser construídos em Pembroke, um em Chatam e os outros seriam objecto de contracto.

Em 1 de abril de 1913, passado já um ano da data a que se referem os quadros de pag. 417, os navios em construção eram, ao todo: 11 couraçados, 3 cruzadores-couraçados, 13 cruzadores ligeiros, 13 torpedeiros e 21 submarinos.

No *memorandum*, apresentado por M. Winston Churchill e destinado a justificar o orçamento naval, cujo extracto fica indicado, declarava-se, que se até ao fim do ano os estaleiros navais ingleses declarassem poder satisfazer um suplemento de encomendas, estas se tornariam efectivas, mas, neste caso, seriam pedidos ao parlamento novos créditos, na importancia de quatro milhões de libras esterlinas.

\*

\* \*

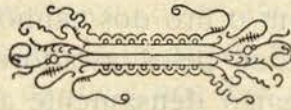
A exposição, que fica transcrita, demonstra exuberantemente qual era, apenas ha três anos, a grandesa do poder naval inglês, que a batalha de Skager-Rak não teria o poder de abalar, ainda quando fosse mais do que uma acção naval violenta, com efeitos materiais e pessoais notavelmente aniquiladores. A assombrosa actividade dos arsenais <sup>1</sup> e a ado-

---

<sup>1</sup> Alguns jornalistas britânicos, que visitaram recentemente, por convite do Ministerio da Marinha, os arsenais da Grã-Bretanha, publicaram no *Graphic*, na *Westminster Gazette* e em outros jornais as suas impressões, as quais confirmam inteiramente a asserção a que se refere a presente nota. Asseveram eles, que fica agora terminado em 12 mezes um navio cuja construção levava outrora ano e meio. Ha um arsenal que entrega um contra-torpedeiro cada 7 semanas; outro termina, em identico prazo, um cruzador, um submarino e dois contra-torpedeiros. E nem por tal facto é demorada a construção de vapores mercantes, sendo muito recomendado aos constructores, que atendam simultaneamente áqueles e a estes trabalhos. Não obstante, a proporção dessa construção é de 9 navios de guerra para 1 mercante. Os arsenais do Tyne e do Clyde, especialmente, produzem quanto as exigencias do poder naval tambem lhes reclama em hidroplanos, barcos de vigilancia, navios cisternas para petroleo, cruzadores ligeiros e de combate, couraçados, canhões, projectis, torpedos, tubos lança torpedos e submarinos, aqueles e estes dos mais recentes e aperfeiçoados modelos.

pção do serviço obrigatorio breve compensarão esses prejuizos. Mais do que nunca devem ser meditadas e atendidas as considerações de M. Winston Churchill, na sessão da camara dos deputados de 18 de março de 1912, que precedentemente deixámos reproduzidas a pag. 405, o aniquilamento reciproco de *dreadnoughts* valoriza, em vez de diminuir, a grandesa do poder naval inglês.

General MORAIS SARMENTO.



# BATALHA DE VERDUN <sup>1</sup>

(Segundo a versão francesa)

## **De 9 a 15 de Março — Perda do bosque de Corbeaux. Ataque de Béthincourt, Mort-Homme e Cumières**

No dia 8 de Março, como dissemos, os francêses obtiveram um pequeno exito repelindo o inimigo da maior parte do bosque de Corbeaux.

Violentos combates, preparados com intenso canhoneio, se seguiram depois até o dia 10 durante o qual os alemães conseguiram finalmente reocupar a posição donde haviam sido desalojados. Em 9 os francêses repeliram os assaltos ao bosque de Corbeaux e mantiveram um activo duelo de artilharia, procurando atingir com o tiro dos canhões de grande alcance os comboios assinalados pelos aviadores na extrema direita da linha alemã, na região densamente arborizada compreendida entre Avocourt e Montfaucon.

No dia seguinte as baterias francesas continuavam bombardeando a mesma região, atingindo uma forte coluna ini-

<sup>1</sup> Continuado de pag. 355.

Dissemos no nosso anterior artigo que se hesitara em França em aceitar como verídica a notícia da morte do ilustre tenente-coronel Driant, em 22 de Fevereiro, ao evacuarem o bosque de Caures os dois batalhões de Caçadores que esse oficial comandava, tendo êle resolvido ser o ultimo a abandonar a posição. Infelizmente tal noticia, inserta no jornal alemão «*Gazette des Ardennes*», como todas as más noticias, era verdadeira e foi pouco depois confirmada. Se o exercito francês perdeu com o extinto oficial uma valorosa espada, a literatura francêsa e em especial a literatura militar perderam no *Capitão Danrit* uma brilhante penna que bem as honrou, numa fecunda e verdadeiramente valiosa obra. Bem pode dizer-se que o tenente-coronel Driant coroou dignamente a sua distincta carreira militar e literaria com uma lição de heroismo, que iguala senão excede as maiores proezas de valor, coragem e dedicação patriótica que nas suas obras atribuiu aos herois que a sua fertil imaginação creou.



miga. O canhoneio proseguiu depois por muitos dias sobre a floresta, sem que porem se pronunciasse qualquer acção da infantaria.

Este mesmo dia 10 foi assinalado por assaltos repetidos contra a posição francesa do bosque de Corbeaux. Os alemães empenharam-se na lucta com um ardor verdadeiramente selvagem, mas incontestavelmente heroico. Em vão as granadas do canhão de 75<sup>cm</sup>, o tiro continuo das metralhadoras e a fusilaria intensa que partia das trincheiras ceifavam e derrubavam homens; novas ondas humanas surgiam umas apoz outras. Por fim e para dominar a valorosa resistencia dos francêses, os alemães recorreram ao ataque por uma força de grande efectivo e lançaram ao assalto uma divisão inteira, ao que se afirma. A' custa de espantosas perdas, essa divisão conseguiu finalmente recuperar a parte do bosque que os francêses anteriormente haviam conquistado.

Durante a noite o esforço dos alemães convergiu sobre Béthincourt, ao longo da estrada que liga essa povoação a Chattancourt e atravessa as posições de Mort-Homme. Conseguiram penetrar em parte de uma trincheira, mas foram logo desalojados por um energico contra-ataque.

Em 11 e 12 a acção da infantaria foi interrompida; é de supôr que a violencia da lucta nos dias anteriores tivesse deixado extenuados os combatentes e que as numerosas perdas causadas pelos francêses tivessem tambem desorganizado muitas unidades alemãs.

No dia 13 o fogo da artilharia redobrou de intensidade, actuando sobre Mort-Homme e a região muito ondulada que demora a S. e cujos pontos mais elevados são cobertos pela massa de arvoredos, de 400 hectares de superficie, denominada Bois-Bourrus. Estes bosques deram o nome a um dos fortes que cobrem uma extensa crista que alcança o Mosa acima de Charny, crista eriçada de obras de fortificação, apenas a 6 kilometros da cidade e do recinto de Verdun.

Por seu lado os francêses atingiram com a artilharia de longo alcance as organizações defensivas alemãs, os abrigos e as vias ferreas de campanha na região de Montfaucon, onde se efectuavam movimentos de concentração preparatorios do ataque a Béthincourt. Este realizou-se no dia 14, em seguida a um intenso bombardeamento de muitas horas, sobre uma



GENERAL BALFOURIER  
Comandante do 20.º corpo de exercito  
francez \*

frente de cerca de 5 quilometros entre Béthincourt e o caminho de ligação para Cumières. O inimigo foi repellido, mas logrou penetrar nalguns elementos de trincheira entre Béthincourt e Mort-Homme.

Mercê de um impetuoso retorno-ofensivo, os francêses reconquistaram no dia immediato parte do terreno perdido e fixaram a sua linha defensiva desde Béthincourt, por Mort-Homme e orla do bosque de Cumières, até á aldeia deste nome.

### Operações entre o Mosa e Woëvre. De 7 a 11 de março

As operações que entretanto se desenrolavam entre o Mosa e a planicie de Woëvre haviam atingido maior importancia.

A 7 de março os alemães tinham tentado um ataque contra o bosque de Hardaumont, o qual lhes permitia manter um reducto cuja posse longo tempo fora disputada.

A lucta recommçou em 8 e com encarniçamento entre Douaumont e a aldeia de Vaux. Por varias vezes, grandes efectivos, todo o III corpo de exercito alemão, ao que se afirma, apoiados por violento fogo de artilharia, lançaram-se contra a linha das trincheiras francesas sem aliás abalar a vigorosa resistencia que lhes foi oposta. Por um momento ainda a aldeia de Vaux foi occupada pelos alemães, mas um impetuoso ataque á baioneta restituiu a sua posse aos francêses. A noite

\* Foi o 20.º corpo francês o que aguentou as primeiras arremetidas dos alemães contra as linhas avançadas do campo entrincheirado de Verdun.

O generalissimo russo Alexeief enviou ao general Joffre, por ordem do Imperador da Russia, o seguinte honroso telegrama, que nos abtemos de traduzir: «S. M. l'Empereur me charge de vous prier de transmettre au général Balfourier et au 20.º corps d'armée français les sentiments de sa plus vive admiration et de toute son estime pour la brillante conduite qu'ils ont eue dans les batailles livrées sous Verdun».

não interrompeu a acção que proseguiu, e cada vez mais violentamente, durante o dia 9.

Os alemães dirigiram neste dia furiosos assaltos contra Vaux, juncando o terreno de cadaveres, e entretanto lançavam outras tropas contra as asperas encostas que dão acesso ao forte de Vaux. Em densas formações — ao que se diz — os assaltantes tentavam debalde escalar as abruptas vertentes, mas, esmagados pela violencia do fogo dos defensores, sofriam perdas enormes. Afirmam os francêses que o inimigo tão seguro estava do exito da operação que o alto comando telegrafou para Berlim annunciando a tomada de Vaux e do seu forte *couraçado*, comunicando o nome do general vencedor e os numeros dos regimentos que êle conduzira á victoria! <sup>1</sup> Afirmam tambem, e é bem verosimil, que nalgumas das grandes cidades da Alemanha houve iluminações de regosijo.

O alto comando francês publicou por sua vez, e no mesmo dia 9, um formal desmentido áquele telegrama e os alemães, para ocultarem a falsidade, declararam no comunicado oficial do dia 10, que os francêses haviam *retomado* o forte, que aliás nunca haviam perdido. Como afinal é possível que nem tudo seja completa verdade, nem completa mentira, quer dum quer doutro lado, a historia imparcial estabelecerá mais tarde a inteira verdade sobre o caso.

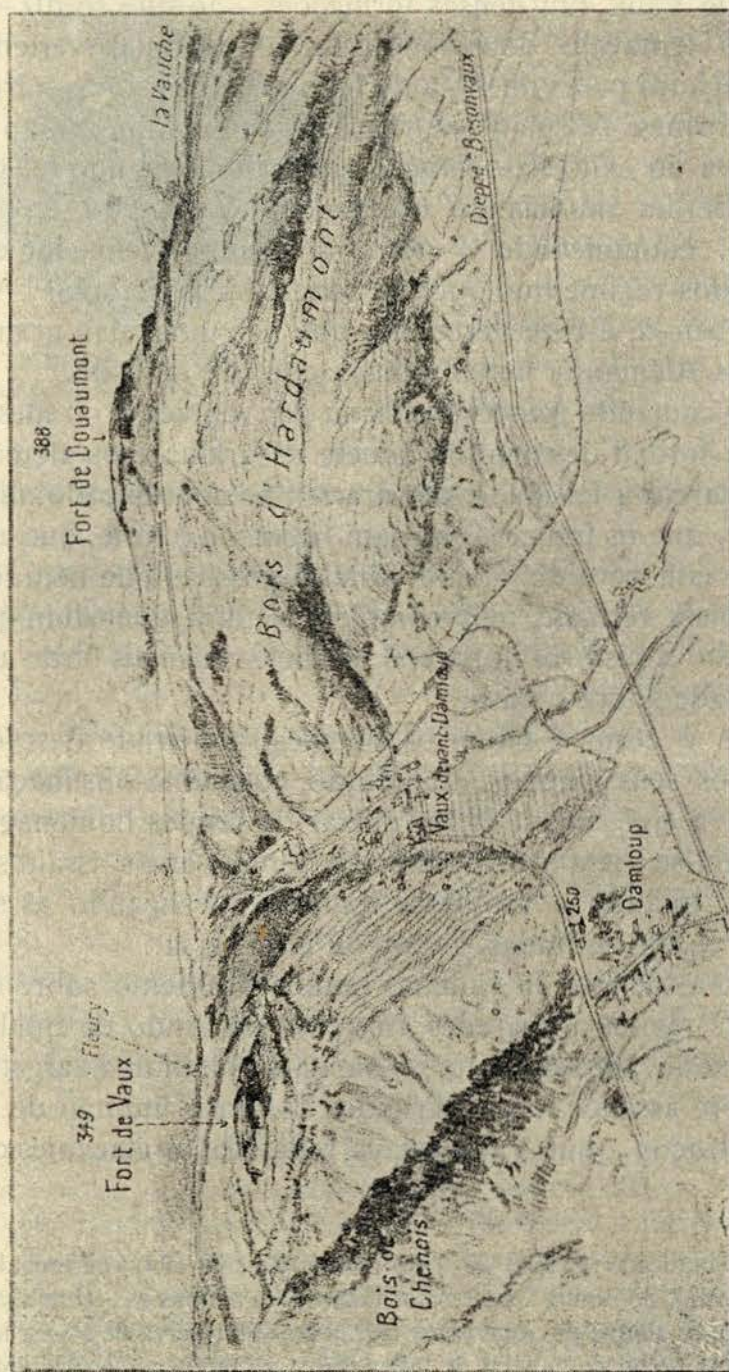
O que é certo é terem os alemães sacrificado despidadamente os seus homens, e comtudo, com uma obstinação e um valor a que não é licito deixar de render homenagem, preparavam-se para no mesmo dia 9 renovar os assaltos da infantaria, quando a artilharia francêsa, alcançando as suas unidades já concentradas, as forçou a dispersar.

Em 10 e depois de violento bombardeamento sobre essa especie de ravina de paredes abruptas, no fundo da qual assenta Vaux-devant-Damloup, os alemães voltaram á carga. Assaltos sobre assaltos foram dirigidos contra o montão de ruinas e destroços a que Vaux estava reduzida; os atacantes con-

---

<sup>1</sup> O comunicado alemão de 9 de março fala com efeito na tomada do forte *couraçado* de Vaux e outras fortificações proximas «...conquistadas «num brilhante ataque de noite pelos regimentos de reserva de Posen n.ºs 6 e 19, sob a direcção do general de infantaria von Guretzky-Cornitz, comandante da 9.ª divisão de reserva.»

seguiram ocupar algumas casas em torno da igreja, a qual se eleva do lado onde a ravina se alarga sobre a planície, abertura pela qual haviam penetrado aproveitando habilmente um denso nevoeiro.



**Fortes de Vaux e de Douaumont**  
— vistos do lado de Este

Ao mesmo tempo havia sido atacada a montanha de rude acesso onde se eleva o forte e respectivas baterias e com tal ardor que, a despeito das terríveis perdas sofridas, a infantaria alemã conseguiu atingir o rebordo do planalto; aí porem esbarrou com as densas rêdes de fio de ferro, que não pôde transpor, e a violencia do fogo dos defensores forçou-a a retroceder a coberto das encostas <sup>1</sup>.

Ainda no mesmo dia 10 eram atacadas, e com extraordinaria violencia, as trincheiras francesas a O. de Douaumont, na altura dos massiços de arvoredo que orlam a região sulcada de ravinas, proximo da herdade de Haudromont. Por três vezes a infantaria alemã, disposta em formações de costado, se lançou contra as linhas da defesa. Os canhões e as metralhadoras quebraram sucessivamente o impeto dessas massas que, dizimadas e esgotadas, tiveram por fim de recolher ao abrigo das suas trincheiras.

A artilharia porem proseguiu o canhoneio, mais intenso sobre Douaumont e Vaux. No dia 13 ainda a infantaria alemã esboçou um reconhecimento ofensivo sobre Handromont, mas os franceses repeliram-no valorosamente.

Em 11 os alemães tentaram um ataque sobre um pequeno bosque chamado Bois Carré, no extremo da altura do Poivre, do lado do Mosa, fazendo largo uso das granadas de mão.

No dia seguinte os observadores franceses denunciavam concentrações de tropas inimigas na ravina a N. da referida altura do Poivre, altura cujos flancos os franceses conservavam. Imediatamente a artilharia destes diligenciou atingir aquelas tropas e bem assim as baterias alemãs estabelecidas entre Louvemont e a estrada para Longuyon.

Em 13 foi para os lados de Vaux e Damloup que o bombardeamento inimigo se fez sentir com mais violencia.

Na região de Woëvre manteve-se tambem o duelo continuo da artilharia, cuja intensidade aumentou, a partir do dia 10, sobre toda a linha das Alturas do Mosa, desde Eix até Fresnes-en-Woëvre.

---

<sup>1</sup> Este episodio, tal como os franceses o referem, recorda até certo ponto o que em 1810 lhes sucedeu no ataque das alturas do Bussaco, com a diferença apenas de que as tropas anglo-lusas não tinham a protegê-las a formidável defesa que as actuais rêdes de fio de ferro constituem.

Na tarde do dia 11 a infantaria alemã conseguiu apoderar-se de alguns elementos de trincheiras sobre a estrada de Verdun a Conflans, a N. d'Eix.

Esta última povoação, Moulainville, Villers-sous-Bonchamps, Bonzée e Rouvaux sobre a vertente N. do cabeço de Haudromont, sofreram sucessivamente um violento canhoneio, que as arruinou, embora a artilharia francesa correspondesse com toda a actividade ao fogo do inimigo.

Os alemães tentaram ainda perturbar as comunicações francesas entre ambas as margens do Mosa, lançando no dia 10 minas fluctuantes em Saint-Mihiel, a S. E. e a montante de Verdun, minas que tinham por fim fazer saltar as pontes, quer improvisadas, quer permanentes de Verdun.

Os franceses, porém, exerciam activa vigilância no rio; as minas foram todas descobertas e rocegadas.

#### **De 16 a 22 de Março. Operações sobre as frentes N. e O. do campo entrincheirado**

Entre o Mosa e a planície de Woëvre e na semana decorrida de 16 a 22 de março, os alemães apenas operaram sobre a parte oriental, entre os bosques que envolvem a herdade de Haudromont, a O. de Douaumont, e a desmantelada aldeia de Vaux.

A altura do Poivre ocupada pelos franceses e pela qual cortam as estradas de Longuyon e de Sedan para Verdun e margens do Mosa, apenas sofreu um pequeno ataque, sem resultado, no dia 19.

Entretanto o duelo da artilharia manteve-se sempre activo em toda essa região, conseguindo os franceses, segundo afirmam, destruir um importante deposito de munições inimigas em Champneuville.

Em 15 e 16 o canhoneio redobrou de intensidade, tomando as baterias francesas por objectivo os trabalhos de fortificação que os alemães organizavam entre Douaumont e Haudromont.

Movimentos de tropas alemãs eram assinalados, em 16, proximo de Vaux, movimentos que o tiro da artilharia francesa procurou logo contrariar e que não eram senão o preludio de uma ofensiva que se esboçou pelas 8 horas da noite e que a actividade do bombardeamento já fazia prever aos defensores. Essa acção foi constituída por uma serie de ataques

impetuosos, mais uma vez dirigidos contra as ruínas da aldeia de Vaux e vertentes coroadas pelo forte do mesmo nome.

Por duas vezes a misera povoação foi assaltada; a infantaria alemã, exposta a um fogo terrível, teve sempre de recuar, deixando as ruínas juncadas de cadáveres.

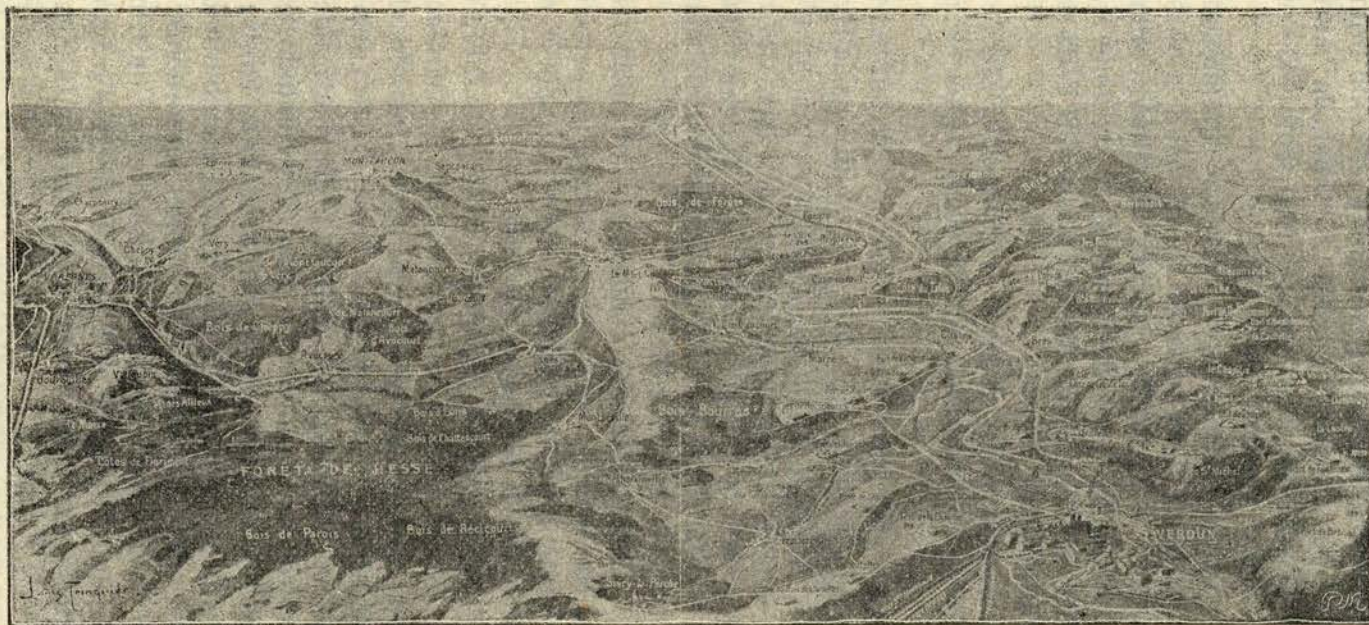
Por duas vezes igualmente, o atacante se arremessou contra as escarpadas encostas, tentando escalá-las; de ambas também foi forçado a retroceder. Não se decidindo contudo a desistir do ataque, a favor da obscuridade da noite e aproveitando uma azinhaga enterrada que passa a S. E. da povoação, procurou tornear o forte.

Os franceses, porém, estavam vigilantes. Descoberta a tempo, a coluna de assalto foi varrida pelos canhões e metralhadoras.

Confessam os próprios franceses que parece que em todos estes combates — realizados de noite — a sua infantaria teve um papel pouco activo (. . . notre infanterie ait eu un rôle effacé; . . .); ao rápido tiro quer dos canhões, quer das metralhadoras, deveram o poderem repelir tão violentos ataques. E' evidente também, que para tal facto, contribuiu a natureza do terreno onde se travou a lucta.

Em 17 a infantaria alemã manteve-se tranquila, mas em 18 pela manhã voltou á carga, tentando ataques parciais sobre toda a frente, desde Haudromont até Vaux, sem contudo conseguir alcançar as trincheiras francesas.

Durante a tarde e depois de violento canhoneio sobre Vaux, encostas do forte e ainda as alturas proximo de Damloup, os alemães tentaram novo assalto, que o intenso fogo dos defensores conseguiu deter, forçando-os a retirar. Desde então e até proximo do fim de março, a arruinada e disputada aldeia de Vaux não sofreu mais ataques. Os franceses contudo, mantiveram-se sempre na expectativa de ver renovar a ofensiva contra as alturas que dominavam a povoação, em cujo ponto culminante (388 metros) se erguem dois fortes importantes, o de Souville e o de Tavannes, este ultimo assente por de cima do tunel do caminho de ferro para Metz. Entretanto o bombardeamento proseguiu diariamente, com maior ou menor violencia.



**Vista panoramica da frente de batalha a N. e N. O. de Verdun,  
desde as Alturas do Mosa até á orla E. da floresta do Argonne**



### **Operações no Woëvre e Alturas do Mosa, junto a Saint Mihiel**

Conjugados com os ataques na região de Vaux, realizaram-se entretanto outros na de Woëvre e ainda no sector das Alturas do Mosa, proximo de Saint-Mihiel, a S. E. de Verdun.

Desde Fresnes-en-Woëvre até Damloup (proximo e a S. E. de Vaux) o bombardeamento das povoações assentes no sopé das Alturas do Mosa não cessára, visando especialmente Éparges. Mais a S., a grande estrada que segue ao longo dos numerosos e risonhos centros de população espalhados pela base da extensa serie de colinas que constituem aquelas Alturas, teve um papel importante nas operações. Os aviadores franceses puderam verificar que, aproveitando a noite, grande numero de regimentos inimigos seguiam essa longa estrada, encaminhando-se para Apremont, não longe de Saint-Mihiel, e de Vigneulles-les-Hattonchâtel, na direcção N. Os franceses conseguiram então com a artilharia de longo alcance atingir essas tropas, destinadas, ao que parece, a cooperar nos ataques dirigidos de Fresnes-en-Woëvre sobre Haudromont e talvez a reforçar as divisões que operavam contra Vaux.

Sendo assim, os alemães desguarneciam a larga faixa de terreno entre Saint-Mihiel, Thiancourt e Metz. Os franceses aproveitaram logo esta circumstancia para tentar com exito um golpe de mão na floresta de Apremont.

A 19 de março a sua artilharia pesada conseguia atingir os grandes depositos de abastecimentos que os alemães haviam instalado em Varvinay, povoação situada proximo do desfiladeiro de Spada.

### **Na margem esquerda do Mosa**

Durante a semana—16 a 22 de março— a que nos temos referido, foi sobre a margem esquerda do Mosa que a lucta assumiu o character mais importante.

Em 15, depois de terem recuperado parte das trincheiras da cota 265, a N. da altura principal de Mort-Homme, os franceses guarneciam a linha defensiva de Béthincourt a Cumières, abrangendo Mort-Homme e a orla do bosque de Cumières, prolongamento por assim dizer do de Corbeaux.

Os alemães retomaram o bombardeamento dessa frente e na tarde do dia 16 emprendiam um furioso assalto, empregando colunas sucessivas, que os defensores submetiam a um fogo de extrema violencia. A despeito das pesadas perdas experimentadas, as tropas atacantes não conseguiram o menor exito e, dizimadas, viram-se forçadas a retroceder para o bosque de Corbeaux, sobre o qual os franceses concentraram depois o seu tiro.

Apesar da concisão das informações officiais, constou que os alemães haviam empenhado neste ataque efectivos não inferiores a 6 divisões. O comunicado official francês do dia 17 limitava-se a expôr que: «Depois do sangrento revêz de ontem, o inimigo não renovou os seus ataques sobre Mort-Homme».

Entretanto se a infantaria permanecia em socego, a artilharia, quer de um quer de outro lado, continuava a troar e as baterias francesas visavam com insistencia as vias de comunicação na retaguarda das linhas inimigas, na direcção dos bosques que constituem a floresta de Montfaucon e dos terrenos confinantes com a estrada de Varennes a Montfaucon.

Emquanto em 19 se produzia uma tregua sobre toda esta frente, no dia seguinte um bombardeamento intenso, feito com granadas de grosso calibre, estalava bruscamente a O. e a S. O. de Béthincourt, sobre o sector que se estende desde a aldeia de Malancourt até á de Avocourt, separadas uma da outra por um massiço de arvoredos, ramificação da floresta de Montfaucon.

Depois dessa evidente preparação para um ataque geral, uma divisão alemã completa lançou-se ao assalto. Segundo afirmam os franceses, tal divisão não tomára parte ainda nas operações contra Verdun e acabava de chegar intacta, de uma frente distante.

Fazendo-se preceder por homens incumbidos de projectarem liquidos inflamados, a divisão arremessou-se impetuosamente contra as linhas adversas. Apezar da violencia do assalto, o fogo dos defensores pôde conter o inimigo; canhões, metralhadoras e espingardas tais perdas causaram ao atacante que este viu-se forçado a retrogradar, refugiando-se na parte E. dos bosques donde partira.

O bombardeamento recomeçou sem demora, durando toda

a noite de 20/21 e entretanto a infantaria alemã aproveitando a obscuridade repetiu os ataques, sempre precedida pelos lançadores de líquidos inflamados. Mais feliz que nos ataques diurnos, apesar das enormes perdas que experimentou, logrou estabelecer-se no angulo S. E. do bosque de Avocourt.

Durante este combate, o tiro das baterias alemãs de longo alcance continuou a incidir sobre o terreno entre Malancourt e as proximidades dos bosques denominados Bourrus, sendo especialmente visado o outeiro da cota 304, entre Malancourt e Esnes. A ocupação deste ponto seria de extrema importancia para os alemães — e os combates ultteriores bem o têm demonstrado! — por lhes permitir atacar de revéz a notavel e cobiçada posição de Mort-Homme.

O duelo da artilharia manteve-se com intensidade durante o dia 21, mas a infantaria inimiga permaneceu em socego.

A 22 novos e furiosos ataques foram dirigidos contra a parte da linha francêsa compreendida entre Malancourt e o angulo N. do bosque de Avocourt.

Não obstante malograrem-se-lhes todas as tentativas para progredirem alem da orla E. desse bosque, ainda assim os alemães conseguiram firmar-se numa pequena colina a SO. de Harcourt, forçando a linha francêsa a recuar nesse lado.

Durante os combates do dia 20, as baterias francesas instaladas em Haute-Chevauchée, na floresta do Argonne, concentrando os seus fogos de ruptura sobre as obras inimigas, fizeram rebentar — ao que se afirma — alguns reservatorios de líquidos ou materias inflamaveis, donde se elevou grande quantidade de gazes sulfurosos.

Dizem tambem os franceses que tais reservatorios deveriam ser utilizados num ataque coordenado com o que partiu dos bosques de Cheppy, justificando a afirmação pelo facto de haver apenas uns 10 quilometros de distancia entre essa região e a de Malancourt-Avocourt.

P. S.

## Lord Kitchener

A nossa sensibilidade, tão difícil de afectar, por acostumada durante êstes dois anos de guerra, a ver sucederem-se dia a dia os acontecimentos mais dramáticos, foi todavia profundamente abalada pela inesperada noticia da trágica morte de Lord Kitchener, no dia 6 do mês passado, no naufrágio, nas alturas das ilhas Orcadas, do cruzador «Humphshire», em que embarcára, com destino à Rússia.

É que o illustre general finha um logar proeminente entre os dirigentes da guerra que assola a Europa, e era a alma do colossal esforço militar que a Inglaterra realiza nesta ocasião: um daqueles grandes homens que a nossa aliada sabe encontrar nas horas criticas, hoje como ha um século e como sempre.

Se nos lembrarmos de que ao turvar-se a paz armada em que viviamos, a Grã-Bretanha apenas dispunha duns 300.000 homens, que mal chegavam para defender uma pequena linha ao norte da França, e que, apesar das suas defeituosas leis de recrutamento, os seus efectivos no campo se multiplicaram prodigiosamente, a ponto não só de alongar de muitos quilómetros aquella aludida linha, senão tambem de fazer face ás exigências das operações militares em muitos e muito apartados teatros de guerra, como são a península de Galipoli, a Mesopotâmia, Salónica, o Egipto, a Africa Oriental e Ocidental; se nos lembrarmos de que as tropas britânicas, embora coligidas sob a pressão do estado de guerra, se mostraram sempre bem disciplinadas e instruídas, honrando as suas nobres tradições; se nos lembrarmos da maneira modelar, como, no dizer de muitas e veridicas testemunhas, funcionam os serviços auxiliares de saude, de abastecimento, de correios, e outros, enfim, dos muitos que acompanham um exército em campanha; se atentarmos, repetimos, em tudo isto, teremos uma ideia do que foi nesta guerra

a obra gigantesca de lord Kitchener e quais os serviços inolvidáveis que êle prestou à sua pátria e à causa dos aliados.

Não foi a guerra que tornou conhecido o illustre official. Pelo contrário, quando ela rebentou pavorosa e a Inglaterra se viu a braços com dificuldades tremendas, a nação pôs os olhos nêle, como sendo o homem que a gravidade da situação reclamava. De facto, os seus serviços anteriores eram de tal natureza, que não era licito a ninguém duvidar que estava ali um estadista providencial, cheio de experiência e de força de vontade.

Lord Kitchener não era velho, pois contava 67 anos. Oriundo da Academia Real de Woolwich, concluiu o seu curso de engenheiro com pouco mais de vinte anos. Em 1870, levado pelo seu amor á carreira das armas e talvez já por conhecer nos alemães os inimigos da sua pátria, alistou-se no exército do Loire, do comando do general Chanzy, onde serviu até o fim da guerra, distinguindo-se sempre pela sua grande coragem.

Regressando á pátria depois de feita a paz, foi incumbido de diversas missões na Palestina, em Chipre e na Asia Menor. Daí a alguns anos entrou no exército egipcio, então em plena e eficaz reorganização, trocando o seu posto na engenharia pelo de major de cavalaria. Foi nessa terra misteriosa das esfinges e das pirâmides colossais, outrora sede esplêndida duma brilhante civilização ainda atestada por tantos monumentos curiosos; foi ai, diziamos, que o futuro generalissimo começou a chamar a atenção para o seu nome. Em 1898, incumbido do comando duma expedição contra os derviches, tomou, depois duma campanha habilmente dirigida, a cidade de Kartum, dando assim o golpe de morte nos inimigos do dominio britânico.

A êste grande serviço prestado á sua pátria seguiu-se a campanha sul-africana contra os boers, onde Kitchener, depois de ter servido como chefe do estado-maior do general lord Roberts, o substituiu como comandante das forças britânicas. O que essa campanha foi, está ainda na lembrança de todos nós, porque é de ha poucos anos.

Concluida esta espinhosa tarefa, voltou ao Egipto, mas então em missão de paz, á qual não faltaram dificuldades e onde acrescentou novos titulos ao aprêço e ao reconhecimento da nação.

Lord Kitchener tinha de comum com os grandes homens

ingleses, mórmente com o *Duque de ferro*, as qualidades que constituem o fundo étnico da sua grande raça e às quais ela deve os seus triunfos: a serenidade, a rectidão, a tenacidade e a fôrça de vontade, que os revezes não abalam.

Duma estatura elevada, robusto, agil, com um ar grave, uma testa alta, um bigode espesso, sobranceiras carregadas e um nariz grande, o seu fisico respirava vigor e impunha-se. Afavel e amigo de gracejar na intimidade, era de ferro no desempenho das suas funções.

Os serviços que êle prestou à pátria na conjuntura terrível que atravessamos, ficarão inolvidaveis. Quer como ministro, quer como generalíssimo, quer nos famosos gabinetes de S. James, quer nas salas de conferências internacionais, mostrou, como nenhum outro, um profundo conhecimento das coisas e dos homens. Pode-se dizer que todas as suas horas eram consagradas à defeza e à gloria da sua pátria.

E os seus concidadãos testemunharam-lhe bem a mágoa ou, antes, a consternação que tal acontecimento lhes causou.

Lord Kitchener morreu no seu posto, isto é, morreu trabalhando pelo seu país e pelos aliados, pois, ao que parece, empreendêra a viagem á Russia para tratar de questões militares e financeiras, cuja importância se infere da alta categoria do delegado. Era, crêmos, durante esta guerra, a segunda vez que por igual motivo saía da Inglaterra, sem falar, nas várias visitas que fez ás tropas inglesas em campanha em França.

A sua grande obra de reconstituição do exército britânico ia completar-se agora, com a lei do serviço militar obrigatório, para cuja promulgação êle mais do que ninguem contribuiu, e cujo resultado não chegou a ver. Outros a completarão com certeza, porque não faltam no exército britânico officiaes de elevada capacidade e extremamente dedicados ao seu país. Não obstante, Lord Kitchener faz falta. Não o reconhecer seria amesquinhar-lhe a memória.

Sua magestade o rei Jorge v mandou publicar ao exército a seguinte ordem do dia, que na sua eloquente sobriedade traduz a dor do chefe do Estado e o reconhecimento da grande perda que a Inglaterra sofreu.

«O rei soube com profunda mágoa do desastre que custou a vida do ministro da guerra quando se dirigia, incumbido de missão especial, junto do imperador da Rússia.

Lord Kitchener contava 45 anos de serviços relevantes, dedicados ao seu país. Foi devido ao seu génio administrativo, á sua inquebrantável energia que se creou o exército que hoje mantem tão alto as tradições do nosso império.

Lord Kitchener será chorado pelos seus companheiros de armas como um grande soldado que em condições extremamente difíceis prestou um supremo serviço ao exército e ao Estado.”

A Revista Militar presta a homenagem do seu respeito e da sua admiração ao morto inolvidável, glória lidima da nação aliada.

### A DIRECCÃO



## PRECEITOS DE GUERRA NAS COLONIAS

Alguma experiencia adquirida no interior de Africa e o desejo de concorrermos para o aperfeiçoamento das coisas militares, permitiram-nos ter estabelecidos os seguintes preceitos já por nós algo preconizados, quer no grande projecto de Ocupação dos Dembos, do qual o que vem na *Revista Militar* n.<sup>os</sup> 9 e 10-1914, são apenas dois capitulos, quer no nosso outro projecto elaborado por ordem do governo geral de Angola sobre a ocupação do N'Gonguambo, no concelho do Golungo Alto—principios que comquanto não sejam transcendentales constituem todavia materia original e de conhecimento necessario, e que deu bons resultados nas operações de 1913, nos Dembos.

### 1.º

Em regiões acidentadas e cobertas de mato, designadamente nos Dembos, uma coluna só poderá marchar quasi sempre em *fila indiana* (um de fundo), não tendo de resto necessidade de marchar a dois e menos a quatro.

Nas colunas de 1907 e de julho de 1908, contra o Cazuan-gongo, dos relatorios consta a determinação para que as praças nesse mato cerrado, acidentadissimo, marchassem a dois de fundo, fazendo frente para os lados nos altos e no fogo. Isto alem de ser uma formação quasi puramente teórica, ali, briga com as regras essenciais do combate. A nossa formação é perfeitamente a de atiradores em ordem dispersa, marchando para o flanco, evitando portanto alvos densos.

No Cuamato e Cuanhama tem-se empregado o que uns chamam *coluna dupla* e outros *coluna tripla*, isto é, seguem paralelamente duas colunas (cada uma a duas fileiras de costado) seguindo ao meio delas o comboio e outras viaturas com



as quais se forma o conhecido *laager* (disposição que se dá aos carros, encostando-os uns aos outros, ficando os animais de tiro para o interior) com exploração para a frente e flancos. A esta disposição pode ainda dar-se o aspecto de *quadrado elastico* se se dispozerem, á frente e retaguarda, fracções marchando em linha, ou por secções ou pelotões de costado.

Nos Dembos porem, onde o terreno só rarissimamente aparece sensivelmente plano e onde não ha as «mangas» de Moçambique, no tempo do poder dos vátuas, tal formação, dupla ou tripla, é uma pura exhibição de manobra.

## 2.º

*Os carregadores marcharão sempre intercalados* em proporção com os soldados.

Formadas a um lado as tropas e reunidos a outro os carregadores, ir-se-hão intercalando ao iniciar-se a marcha. A marcha destes auxiliares, em conjunto, no momento do perigo, tolhe todos os movimentos ás tropas. Aos carregadores só será permitido agacharem-se ou abrigarem-se com as suas cargas quando a coluna parar.

Esta disposição tambem é melhor do que a de 1907, em que marchava um pelotão e depois um forte grupo de carregadores, e assim sucessivamente.

## 3.º

*As praças europeias serão identicamente intercaladas* com as indigenas, isto é, um europeu e dois ou três africanos.

O perigo em regra surge pela frente, más pode aparecer igualmente em qualquer altura da coluna. Nas retiradas precipitadas, *o gentio ataca violentamente a retaguarda* pelo que, qualquer peça ou metralhadora deve seguir a pouco mais de meio, na coluna simples.

## 4.º

A' frente avança o *troço de sapadores*, marchando metade a limpar o caminho e a improvisar degraus nas encostas íngremes e escorregadias, etc. e a outra metade a proteger aquela, revezando-se uma á outra.

Onde se avistar o caminho vedado não se deve ir desobstruí-lo sem explorar até trinta a cem metros para os flancos desse obstáculo, porque os naturais operando como guerrilhas, seja nos Dombos, seja na Índia, costumam postar-se detrás dos troncos de árvores, de sébes ou dentro de covas para atiradores, que os norte-americanos denominam «rifles-pits», fazendo fogo sobre aqueles que se deteem para desembaraçar o transito.

## 5.º

Dos *corneteiros* um irá com os sapadores e, nas marchas de combate fará o toque de alto, óu de direita ou esquerda, conforme o caminho estiver obstruído ou inflectir rapidamente para o flanco. Um irá junto do comandante e um terceiro na cauda da coluna.

## 6.º

Para o efeito de formaturas e de unidades de marcha e de tiro, a coluna é *dividida em pelotões*, que deverão alternar o seu lugar em cada etapa ou jornada e que para evitar confusões não serão numerados dentro de cada companhia (1.º, 2.º, 3.º, 4.º...). Quando o comando quizer bater uma determinada linha ou zona, o fogo será, em regra, por descargas. Fora disso, todo *o soldado deve ter inicialiva para atirar* ao alvo que, de um momento para outro, se pode eclipsar. Em 1907 determinou-se que, em regra, o fogo só fosse aberto á ordem do comando da coluna, sendo expressamente proibido executá-lo, com excepção das patrulhas, sem ordem do comandante do pelotão. Assim deve ser, quando a coluna vá guardada por patrulhas atravez de capim ou vá por caminhos em zig-zag.

O subalterno no pelotão incorporado marchará atraz do corneteiro e do guia do seu pelotão.

## 7.º

Em terrenos com verêdas em zig-zag *o fogo só deve ser executado* por alguns atiradores mais directos, quando muito por uma secção, cujo comando saiba para onde vão as balas. Se o inimigo atacar em grande extensão, evidentemente que

se estende a linha de fogo para corresponder á intensidade do ataque. Sendo a coluna atacada por ambos os lados, ordenar-se-ha naturalmente que uns atiradores vigiem e batam para a direita, outros para a esquerda.

O heroi do Sul de Angola fez decorar aos seus soldados:

a) A coluna não pára. Avançará debaixo de fogo até onde fôr possível.

b) Enquanto não fôr necessario, só os exploradores respondem ao inimigo. Pontarias baixas.

c) Contra todo o inimigo escondido o fogo deve ser lento, com toda a corrção, senão o gentio cria animo.

d) No fogo por descargas, quem não disparar á voz do seu comandante, dará uma prova de medo.

(V. Relatorio das Operações do Cuamato em 1907, O. E. 1910, parte não oficial).

#### 8.º

O pelotão ou a *coluna só suspenderá a marcha* em circunstancias apertadas, quando seja necessario fazer fogo vivo ou perseguir bandos de gentio, abstando-se assim de dar ao inimigo a impressão de que ele nos impede o avanço.

A marcha é regulada pelo pelotão *guarda da retaguarda*, isto é: a frente deve ter o cuidado de avançar sempre ligada ás fracções detraz, que a cada passo se detem para remover dificuldades de carregadores e de doentes ou feridos.

#### 9.º

A *coluna deve bivacar* naturalmente em quadrado, em circulo ou mesmo em triangulo, não devendo preocupar-se que na marcha atravez do mato cerrado, possa ou não tomar aquellas disposições geometricas, quando fôr atacada.

O nosso conceituado major Amandio Cruz e Souza, a pag. 694 da *Revista Militar* de 1915, põe em socego os que se preocupam com essa geometria e com o rompimento do quadrado de Cooléla pelos vátuas, dizendo: «Assim, quando se empregue o quadrado, poderão as faces desenvolver em atiradores ou serem formadas em uma fileira. Perreau, na sua *Tactica dos pequenos destacamentos*, não hesita em preconizar o quadrado em uma fileira, mesmo contra massas selvagens ousa-

das e impetuosas e justifica-o salientando que os quadrados de Bonaparte, em três fileiras, tinham menor potencia de fogo do que os de hoje em uma fileira e venceram os mamelucos».

E nós acrescentaremos que *esses quadrados cerrados*, que muitos visionam, pecam ainda por constituirem um alvo contra o qual nenhum projectil se perde.

#### 10.º

*O serviço de segurança, por entre bosques*, antes da passagem de um rio ou por onde a acção dos exploradores fôr difficilissima, será feita por meio do fogo, regulado pelo official mais avançado. Ir-se-hão fazendo tiros isolados, de minuto a minuto, para um e outro lado, exceto para os pontos em que o inimigo mais provavelmente possa estar occulto, caso em que serão para aí dirigidos mais alguns tiros.

Este serviço de segurança, ou exploração, pode ser substituido lançando-se para a frente e flancos patrulhas de gentio auxiliar, habituado a furar por entre as selvas, como cães de fila. Aquele fogo de exploração excetua-se, é claro, quando quizermos surpreender.

#### 11.º

Nas marchas pelo sertão, deve haver a maxima cautela em não enfiar por verêdas sem saída, porque além do transtorno e mau efeito é muitas vezes difficil ao carregador fazer meia volta, ou passar a par, em caminhos de pé posto com os flancos inclinados ou cheios de obstaculos naturais.

Onde o caminho apparecer artificialmente obstruido, é mais facil tornear do que romper, convindo tanto mais passar por largo quanto é certo o gentio achar-se occulto á espera de caçar o soldado durante que ele procura romper para a frente.

Em direcções duvidosas *são sempre indispensaveis pelo menos dois guias*, os quais devem seguir, um com os sapadores e outro com o comandante.

A marcha dos guias juntos, oferece-lhes um perigo comum que pode desorientar instinctivamente a ambos.

## 12.º

A marcha *atravez do capim*, sêco, é por vezes perigosa, quando alguém á frente ou para os flancos o pode incendiar, como é costume, ou ainda quando se avança sem calcular a marcha das *queimadas*, ou a direcção do vento. Raro é o official colonial que não conte um embaraço destes. O proprio gentio tem sabido por vezes atrair as forças para o capim a que depois lança o fogo.

Atravez de capim alto, são indispensaveis patrulhas de flanco e maior cuidado do que nas matas muito densas.

## 13.º

O gentio compreende a preferencia que nas suas pontarias deve dar aos graduados e aos europeus.

Atacando a pequenas distancias, até cem metros o maximo, excéto no Cuamato e Cuanhama, que atira com armas finas, o official tem, por isso, de se disfarçar com o seu correame e com uma carabina.

*A espada* não dá coragem e estorva.

Não foi usada nos Dembos em 1907, 1908, 1909 e 1913, e igualmente no Cuamato e Cuanhama (em combate). A espada só é belo vê-la brilhar apontando o caminho a seguir nas cargas contra outras baionetas.

## 14.º

*O melhor lugar do comando* é na frente, mas não nas testas.

O «Regulamento Tático da Infantaria (combate)» determina que nas colunas em marcha, na proximidade imediata do inimigo, os comandantes marchem, em regra, com a flécha. No sertão, atravez de terrenos em que o inimigo nos póde surgir a cada passo, esta determinação não póde regular.

O comandante das operações de 1907 nos Dembos, diz nas suas ordens: «Marcho na guarda avançada».

O comandante de 1913 marchava na frente do primeiro pelotão (testa do grosso da coluna) levando normalmente diante

de si o guia, o corneteiro e algumas ordenanças, levando mais á frente os sapadores.

O «Guia tactico—I—» do nosso digno major Malheiro discute proficientemente o local do comando, mas, independentemente da conclusão a que chega esse senhor, em hipoteses aliás muito diferentes, concordamos que, mesmo em colunas atravez do mato, o comando não deve sacrificar o melhor logar para o exercicio do seu cargo a qualquer coragem que queira mostrar.

O local do comando convem, tanto á segurança e comodidade da pessoa, como do cargo, que seja, em regra, na testa do grôso da coluna, áquem dos trez ou quatro homens, quando em fila indiana.

Dizêmos «em regra», porque nos repugnam todas as prescripções rigidas não consentaneas com essa bela liberdade disciplinada, que se chama iniciativa.

#### 15.º

A *transmissão de ordens* durante a marcha em coluna indiana, ou a um de fundo, atravez do mato cerrado, deve fazer-se por bilhetes escritos a lapis-tinta, sobre papel quimico, enviados dobrados, mas abertos, por uma ordenança até ao comandante do segundo pelotão, que por sua vez os enviará por outro cabo ou soldado escolhido ao comandante do terceiro e assim sucessivamente; e vice-versa.

A profundidade de uma coluna de trezentos soldados, com outros tantos carregadores, alonga-se a mais de dois kilometros.

#### 16.º

O serviço de segurança ou de *proteção da coluna em estacionamento* não deve ser feito por vedetas ou cordão de atiradores, que podem ser alvejados antes de avistarem o gentio, mas sim por «postos á cossaca»; quanto ao serviço de segurança ou proteção das colunas nas marchas de guerra, convidamos o leitor, que se interesse, a revêr o nosso artigo «A Fortificação nas guerras coloniais» (*Revista Militar n.º 6-1915*) não obstante repisarmos um ou outro dos seus pontos no presente artigo.

Já em 1912, isto é antes de o experimentarmos em 1913 com o melhor exito, tinhamos escrito que atacando o gentio, em regra, por surpresa ou embuscadas se devia egualmente combater com patrulhas ou postos á cossaca.

«A utilização da fórma de combater do inimigo para operar contra ele foi o segredo do exito de Bujeaud na Argelia».

Ficamos portanto mais uma vez intimamente convencidos de que a perturbação e outros prejuizos do gentio revoltado, por exemplo, nos Dembos, poderiam ser facilmente removidos, se não extinctos, se os comandantes dos respectivos postos ordenassem inteligentemente a saída de patrulhas escolhidas, que, de noite, com rações frias, fossem fazer espéras ou *caçar aqueles que assaltam os nossos soldados* no seu transito.

#### 17.º

O emprego da artilharia e cavalaria nesta região, assim como em todas muito acidentadas e arborisadas, verbero-o no meu projecto de 1912, a pag. 686 da *Revista Militar* n.ºs 9 e 10-1914, porque *cavalaria quasi só serve para preto ver e artilharia para gentio ouvir*.

Peças de montanha ou metralhadoras poupam maiores guarnições nos reductos mais expostos da occupação. Na 2.ª ed. do Relatorio de 1907, o comandante confessa que a cavalaria só pode combater apeada e que as unicas duas peças que levou foram um estorvo. Acresce que uma herva «cassau» mata tanto bois como cavalos ou muares.

O comandante da columna de 1913, um capitão de artilharia regosija-se no Relatorio, por não ter levado cavalaria nem artilharia.

Não obstante ha muito bons officiais de infantaria e coloniais que sustentam o contrario, mas nós supomos que se baseiam mais na competencia que sentem para comandar artilharia, ou na rotina, do que no melhor criterio ou no conhecimento do terreno.

Não querem saber quanto custa transportar uma peça, dividida pelos carregadores ou por muares, estorvando a mobilidade da columna, que é o essencial.

O referido sr. major Cruz e Souza, a pag. 695 da *Revista Militar*, 1915, dá ao emprego da artilharia as devidas propor-

ções, notando que se refere á India, onde os naturais não são pretos mal armados como quasi todos os «angolas». Cita este sr. o exemplo, que vem muito bem ao caso, de uma coluna francesa, depois da tomada de Tomboutou, encontrar uns mil tuaregs na margem do Niger e de uma peça, a um kilometro, fazer fogo sobre o bando, conseguindo apenas matar um camêlo e dispersar o inimigo que a coluna queria apanhar concentrado.

Por sua vez, Roçadas, no seu Relatório publicado nas Ordens do Exercito de 1910, na noticia historica do Cuamato diz: «O terreno é acanhado, a artilharia custa a meter em posição e as peças quasi não encontram campo de tiro. A retirada ordena-se tardiamente. As dificuldades da marcha especialmente da artilharia, obrigando a paragens, as baixas no gado de tração, etc. concorrem para o grande desastre de 25 de setembro de 1904, na mata de Bindane».

Em 1908, nos Dembos, num ataque ao Cazuangongo ía lá ficando a peça, salva á custa de muitos sacrificios de sangue.

A missão natural da artilharia é fazer calar os canhões adversos e desalojar o inimigo de onde estiver fortificado (protegendo ou preparando o avanço da infantaria).

A artilharia na maioria das operações coloniais faz-nos perder a ideia da ofensiva, porquanto mandamos granadas adiante, para que os zagalotes nos não toquem.

Empregar artilharia para efeito moral do preto é, pelo contrario, desmoralizá-lo, como succede no posto de Maravila, cuja importancia politica e estrategica, irrisoria e falsa, ha de continuar a ser a desgraça da occupação da região.

Bem entendido que reconhecemos o valôr das peças ligeiras para destruir as sérias fortificações, como essas que os naturais de Timor construíram na sublevação de 1912.

Referimo-nos sómente á guerra onde não ha rochas que sirvam de refugio e de escudo a pretos.

## 18.º

Seja qual fôr o tipo empregado, *ao estabelecer-se um posto militar*, deve atender-se a que fique no centro de regiões povoadas, junto quanto possivel da mais importante, num alto ventilado, em plano por onde escõem as chuvas, dominando



caminhos comerciais ou vias fluviais, com agua proximo, mas afastado de alongamentos.

Houve uma época em que os comandantes de colunas, com poucas exceções, não tratavam senão de construir dois postos, houvesse ou não razão: o primeiro para ser batisado com o seu nome; o segundo seria o do governador.

A bem dos altos interesses da Patria e da Colonia e da preparação do character ou da moral civica, tal uso e abuso não deve ser consentido, porque só por exceção essas homenagens são justas.

#### 19.º

É um grande *erro incendiarem-se as povoações* que ficam sob as vistas dos postos militares. Inconscientemente afugentam para longe o gentio que convem atraír e conservar quanto possivel á mão.

A pag. 696 da *Revista Militar*, 1915, mostra-se que o *emprego de razias*, deve ser um recurso extremo.

«Segundo Ditte, nas «Observações sobre as guerras nas colonias» guerrear o gentio nos seus haveres, só é licito, quando o inimigo se furte por completo a combater, salientando-se no entanto, os inconvenientes de excessos inuteis pois que o incendiár e destruir povoações e culturas, arruinam a região desvalorizando-se portanto, para nós proprios».

Os selvagens têm mais apego ao torrão em que nasceram e se criaram, do que os civilizados. Comete, por isso, um crime de lesa-patria, aquele que deixando-se levar por rancores contra o gentio ou mesmo contra a obra do conquistador anterior, incendiar banzas ou sanzálas ao alcance dos fortes, tirando assim ao gentio toda a esperança de ser recebido, quando perder o receio de se apresentar.

#### 20.º

Na construção de postos militares, já tem servido de *modelo o forte de S. Antonio de Caculo Cahenda*, a saber: — Na frente do reducto a cincoenta metros da entrada devem ficar (em quadrado ou em circulo) as instalações dos soldados com familia, devendo esta «vila» ou «sanzála» ser abrangida pelas defezas acessórias. Da porta do reducto á face da frente dessa

sanzála, far-se-hão partir duas rêdes de arame, abrindo em leque ou formando triangulo. No encontro deste com a linha de defesa que circunda o forte, deixam-se portas, correspondendo duas ao vertice (junto ao fôss) e de comunicação com a explanada e duas aos angulos da base, portas estas de comunicação com o exterior. Resulta d'aqui, haver cinco portas comuns ao reducto e á sanzála, numa disposição tal que, alem da segurança, reúne a vântagem de serem perfeitamente vigiadas por uma só sentinela, tanto mais se fôr num terreno inclinado.

O governador de Angola, mandou publicar a planta deste historico forte e o comandante das operações de 1913, deu toda a liberdade para o posto "Manoel de Arriaga" ser construido por aquele.

Alem da rêde exterior, de arame farpado, aquele reducto é defendido por outra rêde de fio de ferro, levantada na crista da contra-escarpa.

Numas "Instruções" adotadas num dos distritos de Angola, cincoenta cubatas dos soldados casados, são colocadas em columna cerrada, ocupando todo o espaço desde a face da frente do reducto central até á rêde de arame exterior. Salvo a consideração devida pela especial organização dos serviços do mesmo distrito, achamos que o tipo primeiramente aqui descrito é melhor, não só pela simplicidade do serviço de policia, mas ainda porque este segundo sistêma coloca as cubatas ao alcance de uma ofensa exterior proxima.

Todas as "Instruções" deveriam concluir por esta disposição: — *O modelo aconselhado é este, mas permite-se a sua alteração para melhor* —.

## 21.º

As defezas acessórias serão em regra, de forma circular, com um raio que não seja inferior a cincoenta metros contados dos salientes do reducto para o exterior.

O arame farpado, deverá ser colocado em linhas horison-tais pregadas em paus verdes para pegarem de estaca, distanciados um metro, serrados á mesma altura, sendo a primeira linha a cinco centimetros do terreno, a segunda a dez da anterior, a terceira a quinze e as cinco restantes a vinte.

Na Lunda, mandam tambem colocar o fio em oito fieiras

mas a vinte centímetros de intervalo, sendo além disso ligada a parte inferior e superior de cada tronco com a superior e inferior do que fica contíguo, em forma de X, calculando serem precisos sete mil metros de fio ou setenta rolos de trinta kgr.

As rêdes formadas por diagonais, tipo regulamentar, exigem mais arame e não impedem a entrada do gentio nem de animais ferozes que frequentemente provocam alarmes como em Quindange (nos Dembos) em 1913.

## 22.º

Convem que todos os reductos tenham *dois tambores* para a peça, ou para o flanqueamento e para a defeza do posto por uma guarnição reduzida.

*Não se devem construir pontes*, sejam ou não levadiças. O fôssó interrompe-sê na passagem para o forte. Esta passagem resguarda-se com uma rêde de cada lado e com a porta de arame.

O isolamento produzido por um fôssó profundo, conforta a guarnição e é de efeito para o inimigo, porém, este trabalho, só será necessario na fronteira ou em regiões desprotegidas de auxilio proximo. De resto, *deve haver menos fossos, menos pás e picarêtes e mais arame farpado.*

## 23.º

Nos revestimentos, quando os adobes não sejam caiados ou cosidos, não se devem empregar nos parapeitos ou rampas, porque as chuvas gastam-nos até os desfazerem. Dá ótimo resultado *revestir os parapeitos com estacas verdes*, contiguas, serradas á mesma altura, porque pegam e não se substituem mais, vindo, as que não se apararem, lançar a sua benefica sombra sobre as posições de tiro.

Em todos os taludes ou rampas. escarpas ou contra-escarpas, cujas terras sejam facilmente arrastadas pelas chuvas, as hervas não se devem arrancar, mas sim aparar.

*A inclinação deve ser a natural 1/1.*

## 24.º

*As construções dos postos* quando não são expeditas, como foi a de Quingola, descrita no referido artigo sobre Fortificação Colonial, iniciam-se cuidadosamente pelo traçado, para o que se colocarão quatro homens, cada um á distancia desejada, segundo a futura guarnição, quadrando-os com a bussola do apito Baduel ou outra. Abre-se um estreito sulco para troncos ou paus verdes á altura de 1,30 cm., e cava-se a vála, encostando para a palissada a terra saída, formando o que os russos chamam «krieposta».

A limpeza dos terrenos e campos de tiro, onde não seja mata, para a montagem de um posto, realiza-se rapidamente pelo fogo, no tempo das secas.

## 25.º

*Os quartéis devem* estender-se na direcção E-O, com as portas para onde menos bata o sol durante o maior calôr.

As cosinhas, como medida sanitaria contra os mosquitos e preventiva contra os frequentes incendios, devem ficar fora do reducto.

Poucos são os postos que possuem a parada e dependencias calcetadas.

Para evitar que o vicio das varredélas desnivele o terreno e forme poços, determina-se simplesmente o seguinte que educa o soldado e habilita o comandante a receber inesperadamente uma visita: *a) que se calcéte*, pelo menos, sob os beirais dos telhados; *b) que se não suje*.

O ponto de vista de um posto, a disposição das suas dependencias e defezas, bem como o aceio, definem o seu comandante, a não ser nos casos em que ele não possa ser responsavel pelo que já vem detraz, pois são mais as alterações imbecis que sucedem do que os melhoramentos.

## 26.º

Em tempos anormais, como *cilada contra as surpresas do gentio* que pode vir de noite incendiar ou atacar, nos cami-

nhos que derem acéssio ao posto ou ao acampamento, em vez de «covas de lobo» coloca-se uma estaca á esquerda á altura de um palmo. A' direita do caminho espeta-se outra a um metro daquela, á qual se ligará com arame farpado. Isto pode retirar-se durante o dia.

## 27.º

Relativamente a *Transportes de abastecimento* numa coluna que lute com a falta de carregadores, as especies de cargas que avançam são sempre as mais urgentes.

Nas operações nos Dembos em 1907, as cargas foram organizadas por ranchos, grupadas por cantinas, correspondendo cada secção de carregadores a um dia de alimentação, de modo que quando destacava um pelotão, seguia o respectivo grupo de carregadores. Evidentemente no final, reconheceu-se que as cargas deveriam ser por generos, a fim de que a falta de uma, não obrigue a truncar as outras.

Na coluna de 1913, as cargas avançavam consoante iam sendo precisos os generos que o provisor enviava da retaguarda, segundo o pedido vindo da frente. Da reunião de cargas junto da coluna saíam os generos para as refeições, ou para as rações, sendo estas sempre frias para qualquer diligencia.

Alguns dias experimentou-se a distribuição de rações aos indigenas para cozinharem entre si. Reconheceu-se que a *confecção em comum, em caldeiros* (como usámos em fevereiro e setembro de 1909) é mais economica, mais expedita e conveniente á disciplina.

## 28.º

O comando deve ter sempre em vista, fazer chegar a coluna o mais cedo possivel ao ponto de destino, fazendo *romper a marcha ao amanhecer*.

Deve providenciar para que a primeira refeição seja servida de modo á secção de quartéis estar pronta a marchar das 6 para as 7 horas.

Em marcha, como regra, só a terceira refeição poderá ser quente.

As tropas indigenas *preferem o café*, que todos tomam, á aguardente.

A coluna deve fazer o grande alto, comer *às onze horas a segunda refeição*, que transporta, e, se houver necessidade de continuar a marcha, deve ordenar-se esta para depois das quinze horas.

No mato cerrado o gentio não se pode mover ás escuras e por isso não faz ataques sérios, o que quer dizer que chegar tarde, quando se não poder chegar cedo, não é um contra-tempo tão grande como parece.

## 29.º

Relativamente a organização e *escrituração*, a chamada das praças deve ser feita sempre dentro de cada pelotão.

O ajudante organisa, designadamente um caderno de alterações por ordem de unidades e de numeros. Como subsidario, especie de indice de algibeira, num livrinho de capa oleada, relaciona todas as praças pela mesma ordem, adiante de cada uma das quais (em observação) escreverá a lapis, a sua situação, o pelotão e o numero da ultima ordem da coluna que se lhe refere. *Equivale isto ao «Caderno de Campanha».*

Do caderno de alterações extraem-se as relações mensais, que serão enviadas ao official provisor o qual depois de extraír delas os elementos necessarios para documentar os abonos, as enviará ás unidades. A' capitania remete-se identica relação das praças da mesma, incorporadas na coluna.

A nomeação do serviço consta do referido caderninho, bem como a força disponivel, efectivos, etc. transportando-os depois para o livro de ordens, sempre que se dêsem alterações. Exemplo:

Officiais . . . . .	12	} Europeus, 125
Sargentos . . . . .	13	
Praças E. . . . .	100	} 375
Praças I. . . . .	150	
Auxiliares . . . . .	100	

Isto acusa ao mesmo tempo o numero de rações, se fôr necessario para uma verificação.

## 30.º

Relativamente a *Material de guerra*, cada comandante de pelotão entrega uma relação notando adiante de cada praça o numero do armamento e as munições e as faltas que trouxe da unidade. Passa-se um pequeno atestado individual, sempre que se ordene qualquer permuta, se dê o extravio de alguma peça ou outra alteração, documentos estes que se coleccionam por unidades, companhias e numeros. No fim das operações facilmente se extrairão todas as alterações para as unidades; para a capitania, relativamente ás praças de guarnição na região; e para o Deposito do Material de Guerra, não podendo haver confusão alguma desde que na Secretaria Militar Distrital haja quem saiba colaborar ou queira liquidar mais algum movimento necessario a fazer, em vez de, á mais pequena duvida, amontoar papeis que cada vez complicam mais o expediente.

## 31.º

De todo este modo especial, metódico, expedito e completo, adotado na escrituração de todas as ordens, alterações, correspondencias, guias, relações e mais expediente relativo a pessoal, material, etc. resultou o *processo das contas* ser liquidado com uma pontualidade nunca vista, dando logar a o Relatório do Comando das Operações de 1913 nos Dembos rematar com referencias—cujo maior valor está na sua excepção—á «prontidão, exactidão e zelo modelares empregados pelo ajudante, não obstante haver tomado parte em todos os trabalhos da coluna».

A relação nominal do pessoal que tomou parte nas operações pode tambem, por isso, ser imediatamente publicada na O. F. A. n.º 10, aliás sem esses pormenores dispensaveis, sobre tiroteios, de que é tipo a «Ordem á Força Armada do Estado da India» n.º 11-1913, publicação que, em Angola, costuma fazer-se só ao fim de seis meses, demora de que resultam mil transtornos de averbamentos e liquidações de tempo, sem que ninguem se lembre de remediar esses inconvenientes determinando na O. F. A., por exemplo:—*Que as unidades escreiturem nas folhas e cadernetas* de cada um, conforme as

alterações recebidas ou o que constar da guia de marcha, a seguinte verba, relativa ao serviço de campanha: «Conta o aumento de 150 % sobre o tempo de serviço, desde... a... em que tomou parte na coluna de operações... (na região de) — O. F. A. n.º ...».

## 32.º

Quando se dão operações sucedem ás vezes desigualdades (não no proposito dos arbitros) *relativamente á contagem do tempo*. Por exemplo, tendo as forças contra o Cazuangongo ficado subordinadas ao comando da coluna de 1913 e corrido riscos como aquelas, a quem durante o mesmo periodo foi contado o tempo como de campanha, sensível é que não lhes fosse extensiva esta regalia, a qual, faltando ás vezes em resultado de um lapso de secretaria, é comtudo o bastante para se fazer perder o direito regulamentar a uma medalha de serviços distintos áqueles que não querem requerer, com todas as seguranças de serem atendidos prontamente.

Esta anomalia se deu com os da ocupação de Caculo Cahenda em 1909, que incomparavelmente mais prolongados perigos e sofrimentos arrostaram, ao passo que ha quem tenha, contado como de campanha, tempo passado em bases de etapas, afastado do mais ligeiro sofrimento.

Estas desigualdades é util serem conhecidas, para de futuro outras poderem evitar-se.

## 33.º

Em Angola, um dos mais competentes chefes do estado maior que tem transitado pelo respectivo quartel general determinou um modelo para os *Relatorios das Operações*, sujeitando toda e qualquer peça literaria a capitulos muito regulamentados, tirando-lhe as probabilidades de uma leitura amena, determinação que não tem sido seguida.

Entendemos que o Relatorio de uma coluna, como de uma acção que é mais ou menos historica, deve naturalmente abrir por uma noticia descritiva dos antecedentes, devendo seguir-se-lhe a narrativa dos trabalhos de organização ou de preparação, a descrição da marcha, das jornadas notaveis, dos combates, a indicação das baixas (não esquecendo o nome dos



mortos e feridos), a citação dos serviços em que cada um se salientou e o resultado das operações, sendo também admissível descrever as descobertas que interessem á historia, á corografia ou á topografia, á etnografia, etc. sem esquecer o *esboço da região com indicação do itinerario*.

Um relatorio inteiramente mudo ácerca dos trabalhos dos subordinados depõe contra o seu autor.

Ao relatorio devem juntar-se resumidas exposições sobre o funcionamento dos serviços administrativos e de saude, conclusões técnicas tiradas, disciplina, uniformes, material, propostas, etc. e bem assim deve juntar-se a relação numerica e nominal de todo o pessoal militar.

#### 34.º

Os modelos do «Regulamento de Campanha» com que alguns relatorios se ornamentam, como se fossem escritos na ocasião, não devem preocupar o comando, visto que o exequível nestas guerras coloniais são as «Instruções previas aos officiais» e depois as ordens subsidiarias, verbais ou mesmo escritas.

O grande mestre Griepenkerl declara-se *contrario a todo o cliché para as ordens de operações na pratica do comando*. Tais modelos, uteis nos exercicios de quadros e manobras de instrução, não são applicados, por superfluos, em operações de colunas normais, onde o comando anda em contacto com os seus officiais; nem mesmo é uso empregarem-se nas Escolas de Recruta ou de Repetição, organisando-se depois os processos no teatro das operações da... biblioteca.

#### 35.º

Finalmente, *o primeiro dever de um governador* para com a Patria e de um chefe do estado maior para com o seu governador é escolher o comandante pelo seu merito e sempre que seja possivel, de acôrdo com as ponderações do escolhido.

O requisito essencial é a inteligencia e depois a sabedoria, segundo o nosso modo de vêr. Ninguem duvida de que é mais suportavel uma inteligencia menos culta do que uma sabedoria obtusa e que á superior inteligencia, aliada ao saber,

se devem todas as vitórias, até ás vezes de onde menos se esperavam. O conhecimento que o comandante possa ter dos povos e topografia da região é o mais valioso predicado depois do da intelligencia.

Em 1891, o major Padrel, tendo passado o Cunene e attingido o Cuamato Grande vê a sua expedição cercada e perdida. Com a serenidade e perspicacia militar que Roçadas lhe aprecia (e que nós também logo lhe reconhecemos em 1902, quando o biografamos na «Luz e Crença») simula um movimento ofensivo em direcção á embala. O inimigo iludido, corre a tomar-lhe a dianteira. Então ordena a contra-marcha e salva a expedição, não sem que os cuamatos lhe fizessem quarenta baixas.

Um official que se prenda com pequenas coisas, que não dê um passo sem pensar nos Regulamentos não é o que oferece melhores garantias, a não ser que tenha vagar para meticulousidades, sendo aliás uma distinta qualidade nada deixar passar desapercibido.

O regulamento alemão condena as hesitações ao passo que releva as decisões, ainda que estas resultem desfavoráveis.

O proprio soldado suspira por se ver comandado por homens que não trepidem diante de atrictos.

Em tempos idos nomearam-se muitas vezes subservientes ou correligionarios, sem outra recomendação. Felizmente que o uso dos ultimos tempos tal não tem sancionado.

Conhecemos o exemplo de um comando energico, que era apesar da sua categoria de capitão general, um belo camarada tanto em campanha como em tempo de paz.

DAVID J. G. MAGNO

Ten. de inf. 18

# Algumas palavras sobre emprego de fogos e formações

## II

### **Efeitos dos fogos sobre as formações**

Sem o conhecimento dos efeitos dos fogos sobre as formações, que será o assunto que nesta parte deste estudo compilaremos, não é possível a nenhum chefe, de qualquer grau, conduzir conscientemente as forças do seu comando através do campo de batalha, E' precisamente sob este ponto de vista que mais se evidencia o desconhecimento ou o esquecimento das regras que a "sciencia do tiro" estabelece; assim, é frequente vêr-se, nos exercicios, obrigar as tropas a penosas marchas em formações que, além de difficilmente adaptaveis ao terreno, se devem, para o efeito, classificar de *absurdas*.

Resulta isto das praticas inveteradas e impensadas de regulamentos anteriores, que indicavam as formações a adoptar em função da distancia ao inimigo, e dos preceitos demasiadamente vagos e não mais correctos do regulamento em vigor, conjugadas estás causas com a inobservancia das regras que o conhecimento dos fogos colectivos impõem como insofismaveis.

Recordemos, muito brevemente, os preceitos do regulamento em vigor.

Segundo este, recebida a ordem de combate, o batalhão marchará, através dos campos, e até chegar á *zona dos fogos da artilharia*, em *formação de concentração*; nesta zona adoptará a *formação preparatoria de combate*; finalmente, obrigado a fazer uso das armas, adoptará a *formação de combate*.

Segundo o mesmo R. I T. I., título 3.º, 4.º e 5.º, as formações de concentração são: para o batalhão a linha de colunas, a coluna de batalhão e a coluna dobrada; para o regimento, os

batalhões contíguos, ou em 2 3 linhas, cada batalhão em qualquer daquelas formações.

Para as *marchas de aproximação* são recomendadas a linha de colunas de costado, o escalão e a coluna dobrada aberta de costado, com grandes intervalos entre as colunas e entre as fracções de cada coluna de companhia.

Quanto ás formações a adoptar sob o ponto de vista da vulnerabilidade, preceitúa o regulamento em vigor a coluna de companhia de costado quando exposta sómente aos fogos da artilharia: a passagem á coluna de secções de costado por quatro, quando os fogos de infantaria comecem a fazer sentir os seus efeitos e a passagem á *ordem dispersa quando os efeitos do fogo adverso o aconselhem*.

Ha, nestes preceitos regulamentares, que aliás se encontram mais dispersos que seria para desejar sob o ponto de vista de exposição de um assunto que é basilar, assertos, coisas vagas onde a forma taxativa se imporia, e coisas a regeitar.

A regeitar duma forma categorica, são as chamadas formações de concentração; nem é preciso considerar o caso, aliás possível, de uma surpresa pelo fogo, que aniquilaria, em breves instantes, uma tal formação. Basta considerar as dificuldades da marcha de qualquer daquelas formações através dos campos, para se concluir que tal formação só seria admissivel se grandes predicados no-la impozessem; nada, porém, as recomenda, a não ser a *pé firme* por ocuparem pouco espaço.

Como mais adaptaveis ao terreno, assegurando maior regularidade de marcha, maior preparação para o combate e condições mais vantajosas na hipotese de serem surpreendidas pelo fogo, se recomendam aquelas mesmas formações, mas *de costado*. A notar que em alguns regulamentos estrangeiros outras não figuram.

Uma vez entradas na zona dos fogos da artilharia e adoptadas as formações de costado que deixamos indicadas, bastará aumentar intervalos e distancias, para, nas melhores condições, atravessar aquela zona. E' claro que não se pode pretender manter nenhuma regularidade no conjunto de tais formações; precisamente o contrario se recomenda, sob pena de facilitar á artilharia adversa a regulação do seu tiro, ou, por outras palavras, a propria destruição ou paralisação. O proprio regulamento recomenda que se aumentem os intervalos

entre os pelotões; estes intervalos, quando a companhia se ache submetida aos fogos da artilharia, devem ser tais que, atingido um pelotão por uma granada, o contiguo fique indemne; é claro que, se a frente atribuída á companhia não fôr sufficiente para permitir tais intervalos entre os pelotões, se procurará conseguir o mesmo resultado por uma combinação de intervalos com distancias, isto é, pelo escalonamento, tanto mais que este, durante a permanencia na zona do fogo da artilharia não oferece inconveniente algum.

Submetida já aos fogos da infantaria, a companhia passará á coluna de secções de costado por quatro, preceitúa o regulamento e muito bem; mas, mais diz o mesmo regulamento que passará á *ordem dispersa quando os efeitos do fogo adverso o aconselhem*. Aqui perguntaremos: ¿ qual fogo? O da artilharia? O da infantaria? E perguntaremos ainda quando é que os efeitos do fogo, qualquer que ele seja, aconselham tal mudança de formação.

Para a direcção da unidade isto é uma questão fundamental que carece de uma indicação precisa, em vez da qual o regulamento nos fornece uma formula vaga. Para aqueles que não tenham desdenhado o tão interessante estudo dos fogos colectivos, a questão não oferece duvidas e a resposta áquelas perguntas é uma só: sob o ponto de vista da vulnerabilidade, as formações lineares nunca se recomendam, porque, além de serem mais vulneraveis, facilitam ao inimigo a regulação do tiro; a passagem á linha de atiradores não tem em vista reduzir as perdas, mas apenas permitir a execução do fogo, porque, a todas as distancias, as formações de costado são as menos vulneraveis.

Nada custa fixar esta regra invariavel, que não admite excepções; e basta tê-la presente para que não pratiquemos o erro de marchar em *coluna de companhia* debaixo de qualquer fogo, e para que não desenvolvamos em atiradores senão as fracções que devam executar o fogo. A coluna de companhia é uma monstruosidade que deveria desaparecer dos regulamentos, como desapareceu a formação em quadrado, para que nunca houvesse a tentação de a empregar; o ataque *em vagas*, em successivas linhas de atiradores, é uma heresia, é um crime, que quasi garante ao adversario o util emprego de todos os seus projecteis.

O antigo regulamento de tiro algumas noções fornecia, suficientes para habilitar quem o consultasse a estudar a vulnerabilidade das formações; aquele que actualmente se encontra em vigor nada diz de útil sobre o assunto e assim impossibilita um grande numero daqueles que deveriam fazer esse estudo de o realizar.

O estudo da vulnerabilidade das formações — vulnerabilidade relativa, entende-se — é extremamente simples, e, uma vez feito com atenção, fornece-nos uma base segura para a condução das tropas.

Considerada uma formação qualquer, para conhecer a sua vulnerabilidade a uma dada distancia, começa-se por determinar a probabilidade, que essa formação tem, de ser atingida, quer no sentido da extensão da frente, quer no da altura *ou* no da profundidade. A cada uma destas probabilidades corresponde um *factor*, e o produto dos dois factores considerados representará a probabilidade composta ou total; entrando com este valor na respectiva tabela, leremos, ou determinaremos por interpolação, a percentagem de impactes que lhe corresponde e pela qual se exprime a vulnerabilidade.

A determinação do factor de probabilidade em relação á frente de uma formação não oferece dificuldade; basta dividir essa frente pelo dobro do desvio horizontal provavel *nos fogos colectivos*, á distancia considerada; do mesmo modo se procede á determinação do factor de probabilidade respeitante á altura, quando a formação não tenha profundidade. No caso, porém, da formação ser profunda e determinado o factor de probabilidade respeitante á frente, determinaremos o outro factor, ou considerando a sua altura real acrescida de uma quantidade igual ao produto da profundidade da formação pela tangente do angulo de queda para a distancia correspondente á alça empregada, que se lerá na táboa de tiro, ou acrescentando á profundidade real da formação uma quantidade igual ao quociente da altura pela mesma tangente; no primeiro caso determinaremos o factor de probabilidade dividindo a *altura acrescida* pelo dobro do desvio vertical provavel; no segundo, dividiremos a *profundidade acrescida* pelo dobro do desvio longitudinal provavel.

Aplicaremos, a titulo de exemplo, o que fica dito ao pelotão de infantaria em linha e de costado por quatro á distan-

cia de 800<sup>m</sup>, desprezando, no primeiro caso, a sua profundidade.

D. D. H. P. a 800 <sup>m</sup> . . . . .	6 <sup>m</sup> ,550
D. D. V. P. a 800 <sup>m</sup> . . . . .	7 <sup>m</sup> ,430
D. D. L. P. a 800 <sup>m</sup> . . . . .	221 <sup>m</sup> ,00
Tang. $\theta$ a 800 <sup>m</sup> . . . . .	0 <sup>m</sup> ,02398
Frente do pelotão em linha (38 filas) . . . . .	28 <sup>m</sup> ,5
Profundidade do pelotão de costado . . . . .	28 <sup>m</sup> ,5
Altura real do alvo . . . . .	1 <sup>m</sup> ,66
Altura acrescida (pelotão de costado) . . . . .	2 <sup>m</sup> ,34
Profundidade acrescida . . . . .	98 <sup>m</sup> ,0

Calculo da vulnerabilidade do pelotão em linha:

Factor de probabilidade relativo á frente:

$$F' = \frac{28,5}{6,55} = 4,3$$

Factor de probabilidade relativo á altura:

$$F'' = \frac{1,66}{7,40} = 0,22$$

Probabilidade composta  $F = F' \times F'' = 4,3 \times 0,22 = 0,95$   
a que corresponde na tabela a vulnerabilidade de 47,83 %.

Calculo da vulnerabilidade do pelotão em coluna de costado, pelo processo da altura acrescida:

Factor de probabilidade relativo á frente:

$$F' = \frac{3,00}{6,55} = 0,46$$

Factor de probabilidade determinado pela altura acrescida:

$$F'' = \frac{2,34}{7,43} = 0,32$$

Probabilidade composta  $F = F' \times F'' = 0,46 \times 0,32 = 0,15$  a que corresponde na tabela a vulnerabilidade de 8 ‰.

Calculo da vulnerabilidade do pelotão em coluna de costado pelo processo da profundidade acrescida :

$$F' = 0,46$$

$$F'' = \frac{98}{221} = 0,44$$

$F = F' \times F'' = 0,46 \times 0,44 = 0,20$  a que corresponde a vulnerabilidade de 10,73 ‰.

A diferença dos resultados obtidos por um e outro processo provem de se tomar para angulo de queda o correspondente á alça e não á distancia real do atirador á fila da cauda da formação e de que, no segundo processo, se considera o ponto médio deslocado de 49<sup>m</sup> em relação ao do primeiro processo.

Partiu-se do principio de que o ponto médio do grupamento coincidia com o centro do alvo, isto é, a meio da frente e a 0,83 de altura; quando se applicou o processo da profundidade acrescida, considerou-se o ponto médio deslocado para o centro da formação, ou, melhor dizendo, para o centro da sua projecção horizontal segundo o angulo de queda.

Nem sempre o ponto médio coincidirá com o centro da formação; quando esta coincidência não se der, os numeros que se obtiverem como representativos da vulnerabilidade serão inferiores aos encontrados na hipotese da coincidência; todavia, a relatividade dos resultados manter-se ha.

Considerámos uma formação *macissa*; na hipotese contraria, por exemplo, na do pelotão em coluna de secções, *suposto o ponto médio a meio da frente*, calcularemos pela forma indicada a vulnerabilidade correspondente a todo o espaço occupado pela formação e da *vulnerabilidade* achada deduziremos a correspondente ao intervalo entre as duas secções. Na hipotese da coluna de companhia procederemos analogamente, calculando primeiro a *vulnerabilidade* correspondente ao espaço occupado pela formação suposta compacta, deduzindo deste resultado a vulnerabilidade correspondente a todo o es-



paço compreendido *entre os pelotões extremos* e somando a correspondente ao pelotão do centro; no caso da formação apresentar três ou mais intervalos, calcula-se a vulnerabilidade do espaço ocupado por toda a formação, subtrai-se a correspondente ao intervalo entre as fracções extremas, soma-se a respeitante a todo o espaço compreendido entre as fracções contiguas ás extremas, e assim sucessivamente.

Pelo que se refere ás linhas de atiradores ha que notar que cada atirador adverso dirige o seu fogo sobre aquele que tem na sua frente; os projecteis podem considerar-se distribuidos uniformemente por toda essa frente.

Seria longo, fastidioso e desnecessario apresentar aqui o calculo da vulnerabilidade das formações regulamentares da nossa infantaria. Indicada a forma de efectuar esse calculo, aqueles que pelo assunto se interessarem, com facilidade poderão verificar os resultados que indicaremos.

A forma mais pratica e impressiva de representar esses resultados seria a construção de um diagrama; dificuldades materiais que essa solução apresenta, levam-nos a preferir-lhe o emprego de um quadro.

Do exame dos resultados que se obtem no calculo da vulnerabilidade das formações, resulta, por forma indiscutivel, que ás *formações de costado*, são, a todas as distancias e em quaisquer circunstancias, *as menos vulneraveis*. E' preciso ter bem presente, *sempre*, que a unica razão que deve determinar a passagem á linha de atiradores é a necessidade ou a oportunidade de executar o fogo. E' por isso necessario insistir neste ponto, procurando gravar no subconsciente de cada comandante de pelotão, que a vulnerabilidade da linha, entre os 1.000 e os 600<sup>m</sup> é tripla da das formações de costado, e que ás menores distancias essa relação se agrava ainda.

Isto pelo que respeita aos fogos da infantaria; quanto aos da artilharia é inutil aduzir dados numericos ou quaisquer argumentos para fazer resaltar a maior facilidade de regulação do tiro sobre um objectivo de grande frente.

### Vulnerabilidade de algumas formações de companhia

Distancias	Linha	Col. de comp. <sup>a</sup>	Col. de secções	Col. comp. <sup>a</sup> costado
1500 <sup>m</sup>	36.65	36,80	Sensivelmente metade da vulnerabilidade da colúna de companhia.	9.51
1400	41.98	39,65		9.71
1300	53.37	44,26		10.31
1200	59.32	48,27		10.33
1100	69.79	50		10.34
1000	78.54	57,39 <sup>o/o</sup>		9.67
900	85.48	64,10		10.92
800	85.49	74,56		11.58
700		82,47		12.86
600		92,61		16.04
500		98,61	21.27	
400			31.43	
300				

### Vulnerabilidade das formações do pelotão

Distancia	Linha	Col. de secções	Col. de secções de costado	Col. de costado	Observações
1500 <sup>m</sup>	11.80 <sup>o/o</sup>	12.86	4.84 <sup>o/o</sup>	4.84 <sup>o/o</sup>	A colúna de secções de costado considerada é por 4.
1400	16.04	13.92 <sup>o/o</sup>	5.38	5.38	
1300	18.66	16.56	5.92	5.92	
1200	22.30	18.66	6.45	6.45	
1100	25.90	21.79	7	7	As vulnerabilidades reais são, pelo que se refere á profundidade, um pouco superiores ás calculadas, porque, para o mesmo desvio vertical, as armas actuais, de trajetórias mais tensas, produzem maior desvios logitudinais.
1000	27.42	24.36	7.52	7.52	
900	38.70	29.44	8.59	8.59	
800	48.27	37.28	9.66	9.66	
700	59.32	46.95	12.86	12.76	
600	71.64	58.94	16.04	16.04	
500	85.85	75.40	21.27	21.27	
400	97.40	92.50	31.43	31.43	
300	100	99.50	50	50	

Necessario é ainda combater um erro que, por muito repetido por entidades de vulto, nacionais e estrangeiras, repetido em regulamentos varios, etc., creou fóros de dogma indiscutível e incontestavel. E, todavia, nada ha de menos verdadeiro, nada ha que menos resista a um ligeiro raciocinio, do que a afirmação das vantagens *materiais* do fogo de enfiada.

Não entraremos em consideração, é claro, com as vantagens morais que de um fogo de enfiada possam advir, pelo caracter de surpresa que revista; tratamos apenas dos efeitos materiais.

E, debaixo deste ponto de vista, basta atentar em que bater de enfiada uma formação qualquer, equivale a bater uma formação de costado, isto é, a menos vulneravel de todas as formações. Eis, pois, uma noção profundamente arreigada no espirito de inumeros profissionais e que é preciso arrancar dele como do sólo agricola se arranca o daninho escalracho. . . .

Mas, o mais curioso, é que em varios escritos e regulamentos que preconizam o tiro de enfiada, isto é, a redução de quaisquer objectivos á condição de formações de costado, se recomenda, tambem, que se batam de escarpa estas formações. E' uma incoerencia de tal ordem que nos tem repugnado admitir a sua existencia e temos procurado em insufficiente comprehensão nossa a explicação do caso; afinal, depois de procurarmos debalde convencermo-nos de que estavamos em erro, chegámos á convicção profunda de que, talvez por não serem obra de um só, variadas incoerencias, em cujo numero esta tem de ser incluída, existem em varios regulamentos.

E já que abordámos este outro assunto «fogos de escarpa», digamos de passagem que é irracional a sua indicação, pois que as vantagens que resultariam da sua pratica, pela variação da frente do objectivo, não compensam a redução de vulnerabilidade devida ao augmento de distancia. Não significa isto, de forma alguma, que uma unidade que eventualmente se encontre em circunstancias de executar o fogo de escarpa deva perder essa oportunidade; significa, apenas, que nenhuma unidade deverá procurar sistematicamente executar o fogo de escarpa, sujeitando-se aos deslocamentos prévios e sempre consideraveis *que em todos os casos seriam necessarios* e que se traduziriam, afinal, em uma redução de vulnerabilidade pelo augmento de distancia.

Fevereiro de 1916.

GENIPRO DA CUNHA D'EÇA E ALMEIDA.

Cap. d'infantaria e do S. E. M.

(Continua)

# CRÓNICA MILITAR

## Dinamarca

**A organização militar.** — O serviço militar é obrigatorio, conforme a lei do ano de 1912, e o numero anual de recrutas sobe a 12.000 homens.

E' o país dividido em duas regiões militares que são : Copenhague e Aarbrus.

A 1.<sup>a</sup> região militar é constituída pelas seguintes forças :

1.<sup>o</sup> A guarda rural—1 regimento, 1 batalhão de linha e 2 de reserva.

2.<sup>o</sup> A 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> divisões. Cada divisão conta 2 regimentos de linha e 2 de reserva, tendo cada regimento 4 batalhões. 2 regimentos de cavalaria, 4 de engenharia, 1 secção de artilharia de campanha.

A 2.<sup>a</sup> região militar, conta com as seguintes forças :

1.<sup>o</sup>—1 brigada (na Jutlandia) formada por 2 regimentos de linha. Cada regimento tem 3 batalhões ;

2.<sup>o</sup>—6 regimentos de linha, 2 de reserva, 2 de cavalaria e 1 secção de artilharia de campanha ;

3.<sup>o</sup>—Em Bornholm—1 batalhão de infantaria, 1 esquadrão de cavalaria e 1 secção de artilharia.

O exercito dinamarquês compõe-se em tempo de paz de 16.000 e em tempo de guerra de 80.000.

O armamento que usa o exercito actualmente é a espingarda «Krog Jorgensen» modelo 89, calibre 8<sup>mm</sup>.

A artilharia de campanha possui o canhão «Krupp Robrücklanf», m/902 calibre de 7,5.

As metralhadoras são do sistema «Madoen», calibre 8<sup>mm</sup>.

No exercito da Dinamarca ha 3 anos que se suprimiu o Colegio Militar, contando hoje com uma Escola de Officiais.

Para ingressar neste estabelecimento, precisa o aspirante ter cursado pelo menos uma parte do Ginasio, devendo fazer um exame sobre as seguintes materias : dinamarquês, historia (especialmente da Dinamarca) ; geografia, matematicas, elementos de fisica e química, desenho, religião, ginastica.

O director da Escola tem o posto de coronel. Possui ela 3 cursos.

Primeiro curso—Neste, duram as aulas ano e meio, em conformidade com o seguinte plano de estudos : dinamarquês, 220 horas ; alemão, 280 horas ; inglês, 250 horas ; francês, 300 horas ; historia, 250 horas ; fisica, 160 horas ; desenho, 160 horas ; ginastica, 150 horas.

Depois de ter feito exame das citadas materias, deverá o aspirante servir algum tempo no exercito para ser depois promovido a 2.<sup>o</sup> tenente.

Segundo curso—Os estudos deste curso durarão 20 meses e abrangerão as seguintes materias: dinamarquês, 75 horas; alemão, 130 horas; inglês, 100 horas; francês, 200 horas; historia, 100 horas; tactica, 300 horas; pedagogia, 120 horas; armas, 120 horas; cartografia, 200 horas; tiro ao alvo, 65 horas; equitação, 150 horas; ginastica, 150 horas; hygiene, 40 horas.

Ao concluir este curso saem os aspirantes 1.<sup>os</sup> tenentes.

Terceiro curso—E' êle denominado *Curso de aperfeiçoamento* e a êle concorrem os 1.<sup>os</sup> tenentes que desejem obter o titulo de officiais do estado maior.

Os seus estudos duram dois anos e os officiais devem fazer exame das seguintes materias: tactica, geodesia, artilharia, engenharia, pedagogia.

O exercito dinamarquês encontra-se mobilizado desde agosto do ano passado e o numero de recrutas que prestam serviço na Zelandia, em redor da costa e nas fortificações de Copenhague é de 40.000. Na Jutlandia mobilisaram-se 24.000 homens. As despesas de mobilização ocasionaram grandes sacrificios no país, que nos momentos criticos actuais não quer omitir esforço algum para poder fazer respeitar os seus direitos de Nação.

## Estados-Unidos

**Novo explosivo.**—No campo de manobras de New-York efectuaram-se experiencias com um novo explosivo, que por haver sido descoberto por um tal Roberto Imperial, recebeu o nome de imperialita.

Uma das melhores propriedades do novo explosivo é a de resistir a grandes percursões e temperaturas até 900 Farenheit sem perigo de explosão. Para medir o efeito faz-se explodir a imperialita em cilindros de chumbo de 67 milímetros cubicos de cavidade interior. Bastou uma porção de 15 gramas deste explosivo para que o espaço interior aumentasse de 780 centímetros cubicos. A composição quimica da imperialita é de 80 partes de nitrato de amonio e 15 de aluminio.

Alem disso entram tambem a formar parte da mistura a glicerina, o colodio, o menonitrotalno e o permanganato de cal.

**Aquisição de aeroplanos.**—O Senado fixou um credito de 125.000 dol-lars para comprar aeroplanos com destino ao exercito, os quais devem satisfazer a certas condições ou requisitos especiais.

O mais notavel destes requisitos é uma blindagem para o aviador e as maquinas, que deve ser de aço chromado, com 2<sup>mm</sup> de espessura, a qualbas-tará para os proteger a 600<sup>m</sup> das balas de espingarda.

O aeroplano deve poder conduzir 2 pessoas e subir, pelo menos, 600<sup>m</sup> em 10 minutos conduzindo um peso util de 180 kg. e combustiveis para 4 horas de consumo.

Cada maquina aerea deve levar indicador de marcha, bussula, barometro e barografo, porta-cartas, lapis e tinteiro, relógio e indicador do angulo de incidencia.

Levarão os aeroplanos um aparelho radiotelegrafico, cujo peso será proximamente duns 25 kg.

O provedor dos aeroplanos deve fornecer dados sobre o peso, angulo de incidencia normal no vôo horisontal, angulo de deslissamento, gazolina e

untura que consome o motor, aumento possível do angulo de incidencia e dois ferropussiatos do motor e do aparelho.

O aeroplano poderá levar duas pessoas com amplo campo de observação para ambas; a direcção deve poder ser dada indistintamente pelo piloto e o observador. O aparelho deve ser transportavel por caminhos, para o que a sua largura não deve exceder 3<sup>m</sup>,5.

A construção deve ser tal, que 6 homens numa hora o possam preparar para o vôo.

A sua marcha deve permitir uma velocidade minima de 68 quilometros por hora. Deve poder aterrar e voar em um espaço plano de 90<sup>m</sup>, e por ultimo, deverá mover-se descrevendo um *oito* em um rectangulo de 480 por 225 metros, sem descer mais de 30<sup>m</sup>.

## Inglaterra

**As novas fabricas de projecteis.** — A carencia de projecteis, que, no dizer dos mais abalisados periodicos ingleses, notou-se durante os primeiros meses da guerra actual, entre as tropas britannicas que combatiam na França e na Belgica, originou o clamor de *shells, mores shells* (granadas, mais granadas!) e este grito fez surgir como por encanto, em diferentes localidades da Inglaterra imensas fabricas de munições destinadas a satisfazer ás instantes exigencias da artilharia.

A caracteristica da maior parte delas, tem sido a rapidez da sua instalação e funcionamento.

Cada projectil (desde que entra na fabrica o metal em barras, até que esteja completamente terminado o *shrapnel*, ou outra granada carregada com alto explosivo), necessita umas cem operações distintas e passa pelas mãos de uma centena de operarios. Grande parte do trabalho é desempenhado por mulheres que, com três dias na fabrica, são capazes de dirigir maquinas e numa semana se transformam em habeis operarias.

O trabalho sai tão perfeito, que nas rigorosas provas, a que são submetidos os projecteis, apenas um por cento, quando muito, é posto á margem por deficiencia ou imprestabilidade.

**Protecção contra os gazes asfixiantes.** — As mascaras respiratorias adoptadas para este fim, são constituídas duma substancia que as torna transparentes e encerram no seu interior uma composição que, uma vez em contacto com a humidade da respiração, desenvolve-se amoniaco em quantidade sufficiente para neutralisar a acção dos ditos gazes.

Maxim, crê que as mencionadas mascaras oferecem mui pequena protecção e são incomodas, e por isso apresenta um invento baseado nas seguintes considerações: «Sendo os vapores de cloro duas vezes e meia mais pesados que o ar, misturando-se com este em proporção directa do tracto percorrido, quando chegam ás linhas inimigas contem já pelo menos 90 % de ar. Logo o seu peso, portanto, apenas é superior ao do ar que o envolve, e evidentemente que, em tais condições, para levantar essas nuvens tão tenues e faze-las passar por cima das cabeças dos soldados, tornando-as assim inofensivas, basta obrigar-as a misturar com maior volume de ar».

Para conseguir tal resultado, imaginou Maxim um aparelho muito sim-

ples, de construção e emprego faceis e relativamente de baixo preço, e que actualmente se encontra em experiencias.

## Panamá

**Defesa do canal.**—A defesa do Canal de Panamá preocupa extraordinariamente os Estados-Unidos.

Foi primeiro aprovado um projecto que comprehendia o assentamento de 6 canhões de 35,5 cm. na entrada do Atlantico e 5 canhões de 35,5 cm. e 16 obuses de 30,5 na extremidade do Pacifico, além de outras peças do mesmo calibre.

Este projecto foi revisto, e resolveu-se que as peças sejam de 40,5 cm. de calibre em vez de 35,5.

Os novos canhões serão os mais poderosos de todos os conhecidos, lançando projecteis duma tonelada de peso com velocidade inicial de 640<sup>m</sup> por segundo.

Comparando estas peças com os canhões de grande calibre empregados nas costas britannicas, que são os de 21 calibres, com projecteis de 172 quilogramas, nota-se evidentemente a diferença entre o canhão americano para a defesa das costas e aquele com o qual se amparam as autoridades inglesas.

## Russia

**Comboios de banhos no exercito.**—Em vista da grande predileção que o povo russo tem pela hygiene, mandou o governo construir para o exercito comboios de banhos chamados «Banjas».

Cada comboio é composto de 20 carros aproximadamente, sendo para isso aproveitados os carros de passageiros de 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classes e os de carga.

São cuidadosamente forrados, afim de preservarem do frio, e ligam-se uns aos outros por meio de vestibulos aquecidos, de sorte que os individuos podem passar livremente dos carros de espera para os de banho e destes para os carros vestiarios.

O comboio é iluminado e aquecido a electricidade, e em caso de necessidade o aquecimento pode ser feito a vapor.

A agua quente é fornecida pela caldeira da locomotiva.

Existem no comboio vagon-tanques, com capacidade para o abastecimento durante 24 horas.

Para encher-os ha uma bomba electrica, que pode elevar a agua a uma altura consideravel.

Cada carro de espera é provido de bancos numerados, dispostos em sentido longitudinal, podendo comportar cada um 48 logares.

Ao entrar no carro, o soldado recebe um bilhete numerado, correspondente ao logar que lhe compete no banco, onde encontra um sacco para colocar a roupa de uso externo e um outro para o de uso interno, correspondendo cada sacco ao numero do logar onde o soldado se senta.

Os cabelos e a barba são aparados no proprio carro.

Apoz esse preliminar serviço higiênico, passa o soldado para o carro de banho, composto de 24 compartimentos e um para banho a vapor.

Nestes compartimentos ha agua quente ou fria.

Emquanto os homens permanecem no banho, as suas roupas são recolhidas

pelos empregados, desinfectadas com vapores de formol, e restituídas aos seus donos ou remetidas para os depósitos, caso não possam ser desinfectadas.

A roupa a desinfectar é submetida á temperatura de 100° durante 10 a 15 minutos.

De volta ao carro vestiario, encontram os soldados nos seus respectivos logares um outro sacco contendo roupa branca limpa e roupa externa desinfectada; uma vez vestidos, passam para o salão do chá, em um carro proximo, onde são servidos de chá, assucar, tabaco, etc.

Atualmente os comboios de banho do exercito russo. tem cada um capacidade para atender a 3:000 soldados por dia, elevando-se a despesa a um total de 10:000 rublos mensais, exclusivè as despesas de roupa.

## DIVERSOS

**A surpresa na guerra.** — A surpresa é um factor de consideravel influencia na guerra, quer sob o ponto de vista moral, quer material, porquanto importa para o inimigo numa perda de tempo e de espaço para desenvolver efficientemente a sua ação.

Não consiste apenas em cair imprevistamente sobre o inimigo; pode ser tambem politica, concertando alianças não previstas pelo adversario, garantindo secretamente auxilios em caso de guerra, adotando armamentos novos e desconhecidos, preparando elementos de defesa, tais como fortalezas, fortes, vias ferreas e estradas, e, finalmente, introduzindo novos métodos de instrução nas tropas.

Annibal, fez uso de surpresas com grandes vantagens, aproveitando-se das dissensões politicas existentes entre os povos cizalpinos.

As operações de Garibaldi revestem-se desse processo, revelando-se neste assunto um verdadeiro mestre.

Assim é que, por meio de falsos movimentos, executando marchas estensivamente em pleno dia, sob as vistas do inimigo e volvendó atraz, secreta e inesperadamente, á noite, rializando movimentos em terrenos dificeis e desconhecidos e por mil outros expedientes, conseguia ele vencer batalhas, derrotar inimigos, dispondo de forças inferiores em numero ás dos seus adversarios.

O alto gráo de preparo revelado pelos prussianos em 1870, foi uma verdadeira surpresa para a França.

A Italia mostrou-se imensamente surpreendida, quando os arabes começaram a hostilisa-la na recente guerra de Lybia.

Na guerra de 1859, a aliança entre a Sardenha e a França, foi uma enorme surpresa para os austriacos.

O mesmo sucedeu á Turquia com a coligação balkanica constituida para fazer-lhe guerra.

O Japão deu um notavel exemplo de surpresa, preparando-se silenciosa e calmamente para a guerra contra a Russia, oferecendo ao mundo inteiro uma lição digna de ser imitada.

A ação de Scharnhorst na Prussia, apoz o desastre de Iena, formando grandes massas de reservas para o exercito alemão, por meio de um curto estadío dos individuos submetidos ao serviço militar; a força numerica e qua-



lidades combatentes dos turcos postas em relevo na guerra de 1877-78; a grande resistencia que os boers ofereceram aos ingleses; as formidaveis linhas de Wellington em Torres Vedras, são outros tantos exemplos notaveis de surpresa que as guerras nos apresentam.

Vão-se constantemente desenvolvendo, dia a dia, os novos meios de se fazer a guerra. Desde a introdução dos elefantes de Pirrho, até o emprego dos altos explosivos a escala crómatica das surpresas vai crescendo de ritmo, variando de acordes.

Cada invento, cada modificação na arte militar arrasta de imprevisto outros que são verdadeiras surpresas na tactica e na estrategia e se encontram nas campanhas de Napoleão: essas memoraveis marchas e não menos celebres movimentos estrategicos são modêlos de surpresa.

Em 1805, os seus exercitos, atingiram as margens do Meno e do Rheno, enquanto toda a Europa o julgava ainda nas costas de França. Repetidas surpresas deste genero rializou ele, fazendo espalhar falsas noticias, efectuando marchas rapidas, deslocando-se de um ponto a outro com incrível celeridade atentos os meios de comunicação dessa época.

Hoje, porém, com o grande desenvolvimento que alcançaram as vias de comunicação de toda a especie desde a telegrafia sem fio, até á surpreendente navegação aerea, tornaram-se menos frequentes e mesmo difficilimos os de surpresa na guerra.

Entretanto, ainda nos nossos dias observamos não pequeno numero de exemplos dessa natureza, comprovando mais uma vez a alta importancia do emprego de semelhante factor.

Na guerra russo-japonêsa, conseguiu o Japão destruir, e aniquilar a superioridade da esquadra russa, desembarcando tropas na Mandchuria e travar a primeira batalha em condições tais, que surpreendeu o mundo inteiro.

A historia militar demonstra e comprova que a ofensiva deve ser sempre preferivel á defensiva; mas, o sucesso da ofensiva depende não só de uma grande preponderancia numerica, como da surpresa dos movimentos.

Uma das condições primordiais para o sucesso é a resolução inabalavel e pronta de empreender e levar a efeito a conquista dos objectivos por mais dificeis que sejam.

Napoleão em Arcole, atacando e vencendo com 15:000 homens, em terreno pantanoso e cortado, um exercito de 30:000 homens; projectando e pondo em pratica a surpreendente travessia dos Alpes, operou verdadeiros actos de surpresa, pondo em perigo os seus adversarios.

Na guerra turco-russa, o general Gurko, conduzindo um corpo de exercito atravez dos Balkans, por uma estrada difficil que fôra abandonada por impraticavel, surpreendeu extraordinariamente o partido contrario.

A vitória dos nipões no rio Yaln, resultou de um falso movimento rializado pela esquerda russa, vadeando um terreno montanhoso, fazendo «pirot» sobre esse flanco mas fracamente defendido por postos á cossaco.

Os movimentos envolventes exigem para a sua execução grande rapidez, actividade, absoluto sigilo, e não pequenos cuidados; qualquer acidente ou imprevisto os põe em franco delito de manobra, fazendo-as fracassar.

Na campanha de 1859, Napoleão III, planeou contornar a esquerda dos austriacos para atingir o Tessino antes que o inimigo o fizesse.

A primeira parte do plano foi coroada de pleno sucesso, mas a batalha de Vienville-Mers-la-Tour foi iniciada por um forte canhoneio do acampamento dos franceses, os quais ignoravam por completo a presença de tropas alemãs no seu flanco direito.

Esta surpresa contribuiu para a derrota da França, porquanto, numericamente superiores tiveram os franceses cortada a sua linha de comunicações, determinando a retirada de Bazaine para Metz.

Nos ultimos dias de janeiro de 1905, Kuropotkine projectou uma demonstração contra a frente japonêsa simultaneamente com um ataque ao flanco esquerdo, combinado com uma ação de cavalaria á rectaguarda.

Esses ataques fracassaram ante a inesperada resistencia desenvolvida pelas pequenas unidades japonêsas incumbidas da vigilancia dos flancos e da rectaguarda, dando logar á chegada de reforços aos pontos ameaçados.

Na ultima batalha travada nessa campanha da Mandchuria, os japoneses tentaram envolver a ala direita russa nas proximidades de Mukden; e, não obstante o resultado final da jornada ser inteiramente favoravel, a luta prolongou-se de tal modo, que os russos percebendo as intenções do adversario, puderam concentrar as suas tropas, frustrando por completo o movimento envolvente e pondo-as a coberto do perigo que ameaçava a sua propria existencia.

A campanha de 1814, apresenta um interessante exemplo de surpresa.

Napoleão retirava-se de Paris diante dos exercitos aliados, quando inesperadamente volveu atraz, caindo como um raio sobre a massa inimiga, que marchava em três colunas distintas; atacando-as sucessivamente lhes inflingiu com os 30:000 homens de que dispunha, uma formidavel derrota, apoderando-se de grande numero de canhões e capturando milhares de prisioneiros.

Na batalha de Sha-ho, em outubro de 1904, os russos tomaram a ofensiva no intuito de contornar a direita japonêsa.

Emquanto a força envolvente, composta de três corpos de exercito sob o comando do general Itackelberg, iniciava o movimento, o general nipon Schinamura, aproveitando-se habilmente do nevoeiro reinante, assaltava as posições russas com 500 soldados destemidos, resolvidos a todo o sacrificio, obrigando os russos a deter o movimento encetado.

Dois dias depois, uma brigada de cavalaria com 3 metralhadoras Kotchkiss galgou uma altura, abrindo vivo e inesperado fogo sobre os russos, obrigando-os a uma franca retirada.

Nesse mesmo dia, os japoneses, com dois batalhões, atacaram por surpresa a ala esquerda russa, depois de vencerem um terreno difficil e sempre a coberto dos seus fogos.

Após esses repetidos ataques, os russos abandonaram toda a ideia de ofensiva, batendo em retirada, dando lugar a que os japoneses passassem imediatamente á ofensiva.

Algumas vezes a oportunidade da empresa surge imprevisamente, e nesse caso, o sucesso da operação depende da prontidão com que se executa.

A's vezes o aparecimento subito de esforços aliados, a celeridade de movimentos podem anular, deter e mesmo derruir o exito da operação iniciada. Tudo depende da audacia, da iniciativa e da celeridade dos movimentos.

Em 1815, Wellington julgando que Napoleão não tinha ainda tomado a

ofensiva foi assistir a um baile no palacio dos duques de Richmond, quando ali soube que os franceses já se achavam em Quatre-Braz, a 35 quilometros de Bruxellas.

Foi uma verdadeira surpresa. Dias depois, Napoleão sofria em Waterloo as mais rudes consequencias de uma erronea interpretação, julgando que os prussianos não tomariam parte na batalha. A chegada subita de Bulow ao envez de Gronchy sobre o flanco direito do exercito francês foi a causa principal da catastrophe.

Outros exemplos de surpresa poderiam ser citados. O sigilo e a celeridade no modo de agir são factores de capital importancia no emprego da surpresa e nos movimentos tendentes a evita-la.

Concorrem ainda para seu completo exito um perfeito serviço de segurança e vigilancia.

Não obstante todas as vantagens que a surpresa sugere, não deve ser tomada como condição necessaria e suficiente para a vitoria.

A surpresa é tão sómente um factor de alto valor moral em conceito com os demais valores que entram no intrincado problema da guerra.

As considerações que acabam de ser feitas relativas á surpresa empregada na guerra, estão de pleno acôrdo com os factos, ora desenrolados no presente conflito europeu. São como uma especie de confirmação, de contraprova a resistencia da Belgica, a entrada da Inglaterra na conflagração, a attitude da Italia collocando-se ao lado da Triplice Entente; o imenso poder militar da Alemanha, os prodigios operados pelos seus submarinos e pelos seus canhões de 42 cm., o emprego dos gases asfixiantes, os combates aereos e, finalmente, os resultados obtidos pelos beligerantes, após quasi dois anos de renhida e sanguinolenta campanha.

(Do *The International Military Digest*, de dezembro de 1915).

**Feridas produzidas pelos projecteis modernos.** — Em uma crónica scientifica devida ao Dr. Varigny, medico do Hospital Militar de Vichy, e com respeito a feridos que tem curado na guerra actual, lê-se que encontrou nas feridas, cravos, pedaços de vidro, moedas, boquilhas de cigarro, etc., e que em certo caso, um dente arrancado por uma bala, vazou o olho doutro combatente proximo.

Explica-se o facto pela grande energia dos projecteis modernos, em virtude da qual arrastam por vezes, os elementos que atravessam, os quais conservam ainda a força suficiente para ferir, mas já não para atravessar, deixando na nova ferida os objectos de que vinham acompanhados.

## BIBLIOGRAFIA

## I—LIVROS

## França

- 1 *Service vétérinaire. Service vétérinaire de l'armée à l'intérieur.* Modèles. Volume arrêté à la date du 15 novembre 1915. In-8, 164 p. Henri-Charles-Lavauzelle. 124. Boulevard Saint-Germain. 1915. Fr. 3
- 2 LANDART (A) *Hommage à nos braves poilus; Air: «à la Marseillaise»* (20 janvier). In-8, 4 p. impr. Em. Lucas, 257, rue de Vaugirard; 124, boulevard de Grenelle. Paris. C. 15
- 3 *Règlement de manœuvres de l'artillerie à pied. Service des bouches à feu de siège et place.* Matériels de siège et place. Canons de 155 L et de 120 L sur affûts de siège et place. Canons de 155 court sur affût modèle 1881. Mortier de 220 sur affût modèle 1880. Canons de 95, 90 et de 80 sur affûts de siège et place et sur affûts de campagne. (Approuvé par le ministre de la guerre, le 9 juin 1914.) 2<sup>e</sup> édition, mise à jour avec la feuille rectificative n.º 1. In-12, 226 p. avec fig. (8 janvier). Impr. Nationale. Paris. 1915.  
Ministère de la guerre.
- 4 *Règlement provisoire sur les exercices et les manœuvres de la cavalerie.* Tome 1<sup>er</sup>. Titres I et II. In-12, xxv. 111 p. avec fig. Impr. Nationale. 1915. Paris.
- 5 SUTHERLAND (duchesse de). *Six-semaines à la guerre.* Traduit de l'anglais avec l'autorisation de l'auteur. Avec neuf illustrations hors-texte, une carte et deux fac-similés. In-8, x 91 p. libr. Berger-Levrault. Nancy. Paris Fr. 1,50
- 6 *Grande (la) guerre en tableaux muraux. La Revue du général en chef. — La Sortie de la tranchée pour l'attaque. — La Garde du drapeau. — La Poste au front.* Fernand Nathan. Paris.
- 7 *Nos chiens sur le front.* — Dessins de P. Malher (Texte d'Adolphe Lasnier) maison de l'Édition. A. Lasnier. 156. faubourg Saint Martin. Paris.
- 8 ASTRUC (M.) — *Aide — Mémoire du gradé automobiliste* (technique, théorique et pratique). Conférences de mécanique automobile à l'usage de MM. les officiers des services automobiles, MM. les sous officiers candidats au brevet d'aptitude technique. MM. les instructeurs des centres de formation du personnel automobile. 3<sup>e</sup> édition. In-18, 275 p. avec fig. Henri-Charles-Lavauzelle. Paris, 124 boulevard Saint-Germain. 1916 Fr. 5
- 9 *Album de la guerre.* N.º 8. 15 Novembre 1915. Trente reproductions inédites de scènes de la guerre divisées en deux séries: Hier et Aujourd'hui. Impr. Langlois. Paris Fr. 1,25
- 10 *Album de la guerre.* N.º 9. 1<sup>er</sup> décembre 1915. Trente reproductions inédites de scènes de guerre. Divisées en deux séries. Hier et Aujourd'hui. J. Langlois. Paris Fr. 1,25

## Espanha

- 1 *Estadística del reclutamiento y reemplazo del Ejército*, trienio 1912-1914.
- 2 *Censo del ganado caballar y mular de España e islas adyacentes correspondiente al año 1915.*

- 3 *Fabricación de municiones y el monopolio de explosivos*. Imprenta de Hijos de J. Baroja, San Sebastián, 1915. Folheto.  
4 *Servicio Bibliográfico de Legislación Militar*.

## Inglaterra

- 1 BEDDINGTON (F. M.) *How to Become a Useful and Efficient Officer*. 18mo, swd., pp. 32. *Forster Groom*. net 6d  
2 BLACK (James) *Around the Guns; Sundays in Camp*. Cr. 8vo, pp. 90. *J. Clarke*. net 1/  
3 CHAMBERLAIN (Joshua L.) *The Passing of the Armies*. 8vo. *Putnam*. net 10/6  
4 *Hints and Tips for Members of the O.T.C.* by Commander. 32mo, swd., pp. 48. *Forster Groom*. net 6d  
5 *Holbrook's Drill Diagrams*. Oblong 16mo, swd., pp. 8. *Cooke & Vowles*. net 6d  
6 *Holbrook's Drill Diagrams*. Squad, Section, Platoon and Company Drill. Oblong 16mo., swd., pp. 13. *Cooke & Vowles*. net 1/  
7 HOMES (Robert) *My Police Court Friends with the Colours*. Cr. 8vo, pp. 368. *Blackwood*. net 2/  
8 HOWARD (C.) *Main Points for Musketry Instructors*. 4th ed. 18mo. pp. 36. *Deighton, Bell*. net 6d  
9 HURD (Archibald) *The Fleets at War*. 5th ed., with an Additional Section dealing with the Italian Navy. The «Daily Telegraph» War Books. Cr. 8vo, pp. 228. *Hodder & S.*. net 1/  
10 KIPLING (Rudyard) *France at War*. 16mo, swd., pp. 76. *Macmillan*. net 6d  
11 MCCORMICK (Robert H.) *With the Russian Army*. Being the Experiences of a National Guardsman. Cr. 8vo. pp. 322. *Macmillan*. net 6/  
12 MALCOLM (Ian) *War Pictures Behind the Lines*. 8vo. pp. 244. *Smith, Elder*. net 6/  
13 MARGUERITE (Paul and Victor) *Strasbourg; An Episode of the Franco-German War*. Translated by S. G. Tallentyre. Cr. 8vo, pp. 262. *Smith, Elder*. net 5/  
14 MARTIN (Arthur Anderson) *A Surgeon in Khaki*. 8vo, pp. 290. *Arnold*. net 10/6  
15 *Military Operations of Belgium in Defence of the Country and to Uphold her Neutrality*. Report compiled by the Commander in Chief of the Belgian Army for the Period July 31st to Dec. 31st., 1914. 4to, pp. 104. *Collingridge*. net 1/  
16 MILLE (Pierre) *Joffre Chaps and Others*. Trans. from the French by Bérengère Drillien. Cr. 8vo, pp. 216. *Lane*. net 1/  
17 MOERAN (J. W. W.) *Illustrations from the Great War*. Cr. 8vo, pp. 268. *R. Scott*. net 2/6  
18 *Navies of the World*. 3rd ed. Oblong. Cr. 8vo, swd., pp. 156. *Ben Johnson*. net 1/  
19 *Notes on Outposts*. By «Grenadier». 32mo, swd., pp. 20. *Hugh Rees*. net 3d  
20 *Official Regulations for Volunteer Training Corps*. 12mo, pp. 104. *Centrai Assoc. Volunteer Training Corps*. net 6d  
21 O'NEILL (Elizabeth) *The War, 1915. A History and an Explanation for Boys and Girls*. Royal 8vo, pp. 96. *Jack*. net 1/6; 5/  
22 *Regimental Nicknames and Traditions of the British Army*. 4th ed., enlarged and revised. 12mo, pp. 118. *Gale & Polden*. net 2/  
23 ROLIN (Jeanne) *Ce que j'ai vu de la Guerre*. 16mo, pp. 126. *Constable*. 1/6  
24 *War Budget Illustrated (The)* A Pictorial Record of the Great War. Vol. 4. Folio, pp. 420. «Daily Cronicle» net 5/

- 25 WARNER (George T. W.) *How Wars were Won. A Short Study of Napoleon's Times.* 8vo, pp. 236. *Blackie* net 5/  
 26 WATSON (Frederick) *The Story of the Highland Regiments.* 8vo, pp. 330. *Black* net 5/  
 27 WESTERDALE (T. L. Barlow) *Under the Red Cross Flag, with the «Medicals» in Action.* Published by request. Cr. 8vo, swd., pp. 170. *Kelly* net 1/  
 28 *With the First Canadian Contingent.* Published on behalf of the Canadian Field Comforts Commission. 4to, pp. 120. *Hodder & S.* net 2/6

## II—PERIODICOS

### Portugal

- 1 *Boletim de administração militar*, n.º 4 de abril de 1916. Finanças de guerra. Serviços administrativos em campanha; revisão de regulamentos. Reabastecimento de carne nos exercitos em campanha. Moagem de trigo na Manutenção militar. Alterações ás Instruções para o serviço de subsistencias pelo emprego do automovel. Quadros de administração militar. O nosso futuro exercito. Administração militar nas colonias. Portugal, país agricola. Movimento do pessoal do serviço de administração militar.
- 2 *O Instituto*, n.º 4 de abril de 1916. Astrofisica. O Fausto de Goethe. Antonio de Figueiredo e Utra «o tenor dos Arábios», general do Estreito de Ormús e do Mar Rôxo. Memorias de Carnide. Memoria da instituição da Santa Ordem de Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Memorias arqueologico-historicas do distrito de Bragança.
- 3 *Revista de artilharia*, n.ºs 140 e 141 de fevereiro e março de 1916. Abacos de tiro. Retalhos da guerra. Estudos sobre defesa das costas. Peças para bater aeronaves. O serviço automovel nos exercitos.
- 4 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 168 de fevereiro de 1916. A respeito do gado de Miranda. Estula vermelha — Elementos para a estatistica nosologica veterinaria. Experiencias sobre alimentação das vacas leiteiras, praticadas na Inglaterra. Os serviços do cão na guerra.
- 5 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 7 e 8 de 15 e 30 de abril de 1916. A guarda fiscal. Auxilio extraordinario. Coisas de marinha. Os 50 por cento. Preparação do soldado para a guerra. Projectos de lei. Retirada de Antonio Moniz Barreto. Ainda a lei orçamental A instrução dos graduados na cavalaria. O Legionario II. A partida. Sargentos artifices do exercito. A quinzena politica. O sargento como profissional. Sargentos das colonias. O uso e emprego da artilharia. Paranoias, Por querer-te muito... Cinza e Oiro. Pensões de sangue. Montepio para sargentos. Promoções.

### Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.ºs 4 e 5 de abril e maio de 1916. Recordações do Paraguay; divisão Portinho. O tiro de exame de 1915 na 6.ª brigada de infantaria. Algumas ideas sobre a futura fortificação. Historia das fortificações do Brazil. Exercito em campanha. Pirataria nos litoraes brasileiros durante o reinado de Filippe II.

### Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del Ejercito*, n.ºs de janeiro e fevereiro de 1916. Nota editorial do nuevo año. Los problemas de la plancheta y explicacion de las fórmulas que los resuelven. Pantano de Vargas. Ascensos militares. Adiestramiento del caballo de guerra. Jura de ban-

dera. Servicio de artillería. El ejército de Chile. Corrección y rectificación. Al través de la prensa extranjera.

## Cuba

- 1 *Boletim del exercito*, n.º 2 de abril de 1916. El servicio militar. República oriental del Uruguay — Reforma militar. El caballo peruano La misión militar francesa en el Perú. La escuela militar de Caracas. El ejército argentino. La escuela militar de Montevideo. El reglamento de uniformes.

## Espanha

- 1 *Boletín de Intendencia y intervención militares*, n.º 53 de abril de 1916. Honrosa comisión cumplida. Nueva basílica de Santa Teresa. Labores del Establecimiento central de Intendencia en el año 1915. Apuntes para la historia financiera de la guerra.
- 2 *Estudios militares*, n.ºs 4 e 5 de abril e maio de 1916. Los últimos días de Maubenge. El enlace de las armas con aplicación al estudio táctico de una campaña moderna. Valor real de las plazas fuertes. La guerra europea: crónica político-militar. El infante y el terreno. Servicio del tren en los principales ejércitos modernos. Tiro de infantería contra aeronaves. Apuntes de trigonometría. Estudio sobre el empleo táctico del fusil y de la ametralladora.
- 3 *Memorial de artillería*, n.º de abril de 1916. La construcción del material de guerra en España. La artillería pesada en la guerra campal. El problema en España; su origen y estado actual de la cuestión. Notas de ingeniería. La química industrial en la guerra moderna.
- 4 *Memorial de infantería*, n.º 51 de abril de 1916. Discurso pronunciado en el Centro de Acción Nobiliaria en la solemne sesión celebrada para constituirse en Hermandad. Ideas sobre la influencia de la actual guerra europea en el moderna arte de combate. El coronel de inválidos Miguel de Cervantes Saavedra y Cortinas. Más sobre el servicio de enlaces en campaña. Influencia de los factores psicológicos que determinaron en Francia la evolución de las instituciones militares hasta los ejércitos revolucionarios. Los enlaces en el campo de batalla. Relieve histórico del Gran Capitán.
- 5 *Revista de caballería*, n.º 106 de abril de 1916. La preparación de la guerra. El mando en la caballería y la Escuela de tiro. La guerra de trincheras. Granadas de mano. La oficialidad de complemento. Informaciones y reconocimientos militares. El telegrafo y el teléfono en el ejército alemán.
- 6 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.ºs 7 e 8 de 1 e 15 de abril de 1916. Estudios sobre infantería. Táctica y estrategia de la infantería en el combate. Instrucción elemental de los oficiales. Ensayo de Reglamento táctico para infantería. Estudio geográfico, militar y naval de España. Obras históricas del capitán Sanz Batza. Plan de estudios para la Academia de infantería. Los fuegos de la Infantería.

## Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º de marzo-abril 1916. Effect upon measures for coast defense of the development of submarine and aerial attack. Cadet artillerists. Angular travel board. Searchlight carbons. The coast artillery war game of the state of New York. Semi-automatic and universal plotting and rebocating board.
- 2 *The International Military Digest*, vol. II, n.º 102.

## Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de abril de 1916. Forza numerica degli uffiziali dell' arma di cavalleria. De un mese all' altro. Catechismo del cavaliere appiedeto. La psicologia dell' eroismo. Cronistoria della azioni della cavalleria nella guerra della nazioni. Equitos in vallo.

## Mexico

- 1 *Boletim de ingenieros*, n.ºs 6 e 7 de março e abril de 1916. De la resistencia del aire para velocidades grandes. Estereo topografia. Nociones sobre lectura de cartas y reconocimientos militares. Investigaciones eléctricas efectuadas en el Bureau of Standards de los Estados-Unidos. Resistencia a la compresión de mezclas y concretos de cemento de Portland. Sugestiones para la instrucción de tiro de las tropas. El telemetro estereoscopico de Zeiss. Reducción al centro de estación. Penetracion de proyectiles. Trincheras de campo de batalla construidas por la 1.ª brigada de la primera division de las tropas de ingenieros. Importantes reformas a los planos y metodos de enseñanza en la Escuela nacional de ingenieros. Las verdaderas causas. A través de la ciencia y de los hechos.

## Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 4 de abril de 1916. Krigen XI. Verdenskrigen for hundrede aar siden. Meddelelser fra ind og utland.

## Peru

- 1 *Boletim del Ministerio de guerra y marina*, n.º de fevereiro de 1916. Nueva organización del Ministerio de Guerra y Marina. Servicios técnicos. Gratificaciones a los licenciados del ejército. Conferencias dadas en la Academia de Estado Mayor (7.ª de infanteria, 3.ª de caballeria), conferencias dadas en la Escuela militar (curso de tactica). Conferencias en la Escuela de ingenieros (Fortificacion). La batalla del Marne. Ametralladoras. Iniciativa, método y comando.

## Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.ºs 1 e 5 de janeiro e maio de 1916. Causerie sur l'aéronautique. Le canal maritime de Suez. Un coup d'œil en arrière. Le seteur d'un contingent. Fribourg. 1499. L'armée italienne — Impressions du front. Comment percer le front allemand? La Belgique et la neutralité suisse. Un point d'histoire. Quelques inflexions sur notre équitation militaire. Les deux neutralités. Sur le tir contre avions. Ordres de bataille allemand en Occident. Quelques inflexions à propos de l'instruction du tir.